

---

**INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA**  
**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL E DAS ORGANIZAÇÕES**



**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Cooperação e Motivação. Qual a relação?  
Estudo em equipas desportivas**

**Ana Cláudia Correia Batista – N° 12284**

**ORIENTADOR: Mestre Pedro Almeida**

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

**SEMINÁRIO DIRIGIDO POR: Mestre Pedro Almeida**

*Instituto Superior de Psicologia Aplicada*

2007 – 2008



---

Instituto Superior Psicologia Aplicada

**COOPERAÇÃO E MOTIVAÇÃO. QUAL A RELAÇÃO?  
ESTUDO EM EQUIPAS DESPORTIVAS.**

**Ana Cláudia Correia Batista**

**N.º de aluno**

Dissertação Orientada pelo Professor Pedro Almeida

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia**

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

**Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Mestre Pedro Almeida apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações, conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro de 2006**

## **Agradecimentos**

Lembro-me de nas primeiras semanas de aulas do primeiro ano ouvir falar da então monografia e pensar “Meu Deus, não sei como é que vai ser quando chegar a minha vez, um trabalho de investigação feito só por mim? Apresenta-lo para um júri?”, este e outros pensamentos ocuparam a minha mente durante algum tempo. No entanto, o tempo passou e o conhecimento necessário para a realização deste trabalho foi a pouco e pouco chegando, sem eu dar conta, e, agora aqui estou eu, na conclusão de mais uma etapa. Ao longo destes 5 anos de ISPA aprendi muitas coisas, umas sobre a psicologia, outras sobre a vida, mas todas elas importantes para o futuro profissional que agora me espera.

Aprendi por exemplo, que afinal este trabalho de investigação, não é um trabalho, só meu, ou melhor, aprendi que sem a ajuda de algumas pessoas não seria possível realiza-lo. Por isso mesmo, este é sem dúvida um capítulo importante no final desta dissertação.

Começando pelas pessoas com quem este trabalho esta relacionado, ao professor Pedro Almeida, quero agradecer pela paciência que teve em responder ás minhas por vezes estranhas duvidas, pela força que me deu, por respeitar o meu ritmo de trabalho e ainda, por me fazer sempre acreditar que era capaz.

Ao João Lameiras, pela ajuda fundamental que me deu com a estatística, porque sem ele nem quero imaginar como tinha sido, muito obrigada.

Ao Daniel e à Andreia, porque este foi um caminho que desde o inicio do ano passado percorremos juntos, pelas horas passadas ao telefone a esclarecer duvidas. Convosco foi muito mais fácil.

Ao Professor Francisco Cesário, pela forma empenhada com que dirigiu o seminário de estágio, pela forma divertida e descontraída com que nos fez encarar o mundo das organizações.

Ao Rui, porque as suas dicas sobre o mundo do futebol foram preciosas para a finalização deste projecto, bem como a paciência para explicar a mesma coisa de várias maneiras diferentes. Obrigada!

Às Kitties, pelo apoio que me deram nas alturas em que parecia que tudo ia desabar, porque afinal é sempre tudo mais fácil quando temos amigas destas ao nosso lado.

À Inês e à Paula, pelas horas passadas a estudar ao sabor de m&m e gomas, porque nunca nos deixava-mos desistir, e porque convosco, estudar nem parece complicado.

À tia Rosário, pela ajuda preciosa que me deu, porque mesmo longe sempre me fez sentir que estava perto e acima de tudo por me ter dado as afilhadas mais lindas que alguém pode ter, e que tantas vezes me ajudaram a ganhar forças para finalizar este caminho.

À Avó Edite, porque sei que sem ela não seria o que sou, porque é uma parte muito importante de mim, pelo amor incondicional que tem por todos os filhos e netos adoro-a e sei que este é o fim de um ciclo que a enche de orgulho.

À Joana, porque é a melhor irmã que eu podia ter tido e por sempre acreditar em mim.

Por fim, e porque sem ela nada seria possível queria agradecer à minha Mãe, porque a ela devo não só a conclusão desta etapa, como todas as outras que ao longo desta vida consegui alcançar. Porque muitas vezes abdicou dela por mim e porque sei que nem

sempre sou a melhor filha do mundo, aqui fica um agradecimento muito especial, por me respeitar e aceitar assim mesmo como sou.

## **Resumo**

O estudo em questão procura avaliar a relação existente entre a cooperação e a motivação, em particular no que concerne à orientação motivacional (ego/tarefa) dos atletas.

O estudo em questão conta com a participação de 260 atletas de ambos os sexos que praticam desportos colectivos, onde existe confronto directo de jogadores, no presente estudo, andebol, futebol, basquetebol, futsal, hóquei, rugby. Os escalões considerados para o estudo foram o escalão júnior e o escalão sénior e a média de idades dos participantes é de 22 anos, sendo que o sujeito mais novo tem 16 anos e o mais velho 37.

A cooperação foi avaliada através do Questionário de Cooperação Desportiva (QCD), na sua versão adaptada à população Portuguesa por Martins em 2007.

Como instrumento para avaliar a orientação motivacional foi utilizado o Task and Ego Orientation Sport Questionnaire (TEOSQ) na sua versão Portuguesa (Fonseca e Brito, 2005).

Com este trabalho verificou-se a existência de uma relação entre cooperação e motivação. Sendo que a orientação para o ego possui uma correlação positiva com a cooperação condicionada e uma correlação negativa com a cooperação incondicionada e com o treinador. Por seu turno, a orientação para a tarefa possui uma relação positiva com todas as dimensões da variável cooperação.

Foram ainda analisadas as relações existentes entre a cooperação e variáveis demográficas. Desta forma, verificou-se que existe uma relação entre a cooperação e a idade, rendimento, número de jogos e habilitações literárias.

**Palavras-Chave:** Cooperação, Motivação e Desporto

## **Summary**

The study's objective is to investigate the relationship between cooperation and motivation, in particular the motivational orientation (ego/task) of the athletes.

This study had the participation of 260 athletes of both sexes who play collective sports where direct confrontation exists, in the present study, football, handball, basket, hockey, indoor football and rugby. Professional and junior teams with average age of 22 years old were considered. The youngest athlete is 16 and the oldest is 34 years old.

The cooperation was measured by Sport Cooperation Questionnaire (QCD) in its Portuguese population version adapted by Martins in 2007.

Motivation was quantified by the Portuguese version of Task and Ego Orientation Sport Questionnaire (TEOSQ), adapted by Fonseca & Brito (2005)..

In this study the relationship between cooperation and motivation was verified. Ego orientation has a positive correlation with conditioned cooperation and a negative correlation with unconditioned cooperation and also with the coach. Task orientation has a positive correlation with all the cooperation dimensions.

The relationship between cooperation and demographic variables was also studied. So, a relationship between cooperation and age, performance, number of games and academic qualifications was found.

**Key-Words:** Cooperation, Motivation and Sport.

# Índice Geral

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>Cooperação</b>	<b>3</b>
<b>Motivação</b>	<b>11</b>
<b>Motivação intrínseca, motivação extrínseca e amotivação</b>	<b>12</b>
Motivação Intrínseca	12
Motivação Extrínseca	13
Amotivação	14
<b>Abordagem Geral às Teorias da Motivação</b>	<b>15</b>
Teoria da realização das necessidades	15
Modelo da ansiedade em situação de avaliação	17
Modelo da expectativa de reforço	17
Abordagem Cognitiva	17
Abordagem Socio-Cognitiva	18
Modelo de realização dos objectivos e o clima motivacional	23
<b>Últimos estudos realizados com o TEOSQ</b>	<b>24</b>
<b>Estudos realizados com motivação e cooperação</b>	<b>28</b>
<b>MÉTODO</b>	<b>30</b>
<b>Amostra</b>	<b>30</b>
<b>Delineamento do estudo</b>	<b>33</b>
<b>Instrumento</b>	<b>34</b>
Task and Ego Orientation Sport Questionnaire	34
Questionário de Cooperação Desportiva – QCD	35
<b>Procedimento</b>	<b>37</b>
<b>RESULTADOS</b>	<b>39</b>
<b>Análise à Normalidade</b>	<b>39</b>
<b>Estatística descritiva</b>	<b>40</b>
<b>Estudo da relação entre cooperação e motivação</b>	<b>41</b>

Diferenças entre grupos	45
<b>DISCUSSÃO</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>59</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>63</b>

## **Índice tabelas**

<b>Tabela 1 – Últimos estudos de motivação utilizando o TEOSQ.</b>	<b>28</b>
<b>Tabela 2 – Caracterização da amostra relativamente ao género</b>	<b>30</b>
<b>Tabela 3 – Caracterização da amostra relativamente à idade</b>	<b>31</b>
<b>Tabela 4 – Caracterização da amostra relativamente às Habilitações Literárias</b>	<b>31</b>
<b>Tabela 5 – Caracterização da amostra relativamente à modalidade</b>	<b>32</b>
<b>Tabela 6 – Caracterização da amostra relativamente ao Nível competitivo</b>	<b>32</b>
<b>Tabela 7 – Caracterização da amostra relativamente ao escalão</b>	<b>32</b>
<b>Tabela 8 – Caracterização da amostra relativamente ao tempo que pratica a modalidade, ao tempo que a pratica no clube, ao número de treinos por semana e ao número de jogos que participou ao longo da época</b>	<b>33</b>
<b>Tabela 9 – Valores de Alpha de Cronbach para as subescalas do TEOSQ</b>	<b>35</b>
<b>Tabela 10 – Valores de Alpha de Cronbach para as subescalas do QCD</b>	<b>37</b>
<b>Tabela 11 – Teste Kolmogorov-Smirnov para a variável cooperação</b>	<b>39</b>
<b>Tabela 12 – Teste Kolmogorov-Smirnov para a variável motivação</b>	<b>40</b>
<b>Tabela 13- Estatística descritiva da variável cooperação</b>	<b>40</b>
<b>Tabela 14- Estatística descritiva da variável motivação</b>	<b>41</b>
<b>Tabela 15 – Matriz de correlações entre Motivação TEOSQ (Ego/Tarefa) e Cooperação (Condicionada, Incondicionada e Tarefa)</b>	<b>42</b>
<b>Tabela 16 – Matriz de correlações entre a Cooperação e a variável idade</b>	<b>43</b>

<b>Tabela 17 – Matriz de correlações entre a Cooperação e as variáveis nº treinos e nº horas de treino por semana</b>	<b>44</b>
<b>Tabela 18 – Matriz de correlações entre a Cooperação e as variáveis tempo que praticam a modalidade e tempo que praticam a modalidade no clube</b>	<b>44</b>
<b>Tabela 19 – Matriz de correlações entre a Cooperação, o número de jogos em que os sujeitos participaram ao longo do ano e o rendimento percebido dos atletas.</b>	<b>45</b>
<b>Tabela 20 – Diferenças nos valores entre grupos alto ego e baixo ego</b>	<b>46</b>
<b>Tabela 21 – Valores do teste de Mann-Whitney para a subescala Ego</b>	<b>46</b>
<b>Tabela 22 – Diferenças nos valores entre grupos alta e baixa motivação para a tarefa.</b>	<b>47</b>
<b>Tabela 23 – Valores do teste de Mann-Whitney para a subescala Tarefa</b>	<b>47</b>
<b>Tabela 24 – Diferenças nos valores entre género e cooperação</b>	<b>48</b>
<b>Tabela 25 – Valores do teste de Mann-Whitney para o género</b>	<b>48</b>
<b>Tabela 26 – Diferenças nas habilitações literárias com a cooperação</b>	<b>50</b>
<b>Tabela 27 – Teste de Kruskal-Wallis para as habilitações literárias</b>	<b>50</b>
<b>Tabela 28 – Diferenças no nível com a cooperação</b>	<b>51</b>
<b>Tabela 29 – Teste de Kruskal-Wallis para o nível de competição</b>	<b>51</b>
<b>Tabela 30 – Diferenças entre o escalão e a variável cooperação</b>	<b>52</b>
<b>Tabela 31 – Valores do teste de Mann-Whitney para o escalão.</b>	<b>52</b>

## **Índice Figuras**

<b>Figura 1 – Modelo de interacção conceptual, relativo à conduta desportiva (Rabbie 1995, adaptado por García-Mas 2001).</b>	<b>8</b>
<b>Figura 2 – Modelo de cooperação desportiva desenvolvido por Garcia-Mas (2006)</b>	<b>10</b>
<b>Figura 3 – Modelo teoria realização das necessidades McClelland (1961, adaptado de Weinberg &amp; Gould, 1995 in Cruz, 1996)</b>	<b>16</b>



## **Índice Anexos**

<b>ANEXO A – Instruções</b>	<b>65</b>
<b>ANEXO B – Dados Biográficos</b>	<b>69</b>
<b>ANEXO C – Questionário de Cooperação Desportiva (QCD)</b>	<b>73</b>
<b>ANEXO D – Questionário de Motivação (TEOSQ)</b>	<b>77</b>
<b>ANEXO E – Descrição Amostra</b>	<b>82</b>
<b>ANEXO F – Análise à Normalidade</b>	<b>88</b>
<b>ANEXO G – Estatística Descritiva</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO H– Correlações TEOSQ e QCD</b>	<b>97</b>
<b>ANEXO I– Correlações variáveis demográficas e QCD</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO J – Diferenças Entre Grupos</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO K – Diferenças Entre Grupos Variáveis Demográficas</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO L – Fidelidade QCD</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO M – Fidelidade TEOSQ</b>	<b>133</b>



## INTRODUÇÃO

A psicologia do desporto debruça-se sobre o estudo de comportamentos, pensamentos e sentimentos dos indivíduos em contextos desportivos, tendo sempre em atenção que muitos destes comportamentos são influenciados pelos comportamentos e características de outros, onde se inserem treinadores, dirigentes, espectadores, familiares e companheiros de equipa. (Hanrahan, & Gallois, 1993).

Os grupos desportivos, são grupos performativos e por isso mesmo, como todos os grupos deste tipo apresentam características muito específicas, na medida em que são únicos de diversas maneiras.

Para Hackman (1990), a diferença entre os grupos performativos e outros quaisquer grupos normais, passa pelo facto de ao invés destes produzirem serviços, decisões ou produtos tangíveis, produzirem uma performance, no caso específico, uma performance desportiva. Geralmente o trabalho deste tipo de grupos destina-se a um público, sendo que a ideia de actuarem é a chave para a vida e para o trabalho dos membros dos grupos performativos. As tarefas que desenvolvem são inerentemente efémeras, espontâneas e irrepetíveis e o seu trabalho mistura usualmente apresentações ao público e apresentações dentro do próprio grupo.

Assim, falar em desporto implica necessariamente falar em interacções sociais ou processos de grupo, os quais, têm essencialmente um carácter intergrupual em desportos de competição, apesar de também existir um carácter interpessoal.

Desta forma, quer a cooperação quer a motivação são processos de grupo inerentes a qualquer grupo e como tal, qualquer uma delas tem uma grande influência sobre o funcionamento do grupo. A motivação é possivelmente uma das variáveis mais estudadas quando nos referimos a grupos, há muito que se sabe a importância que tem para a performance dos grupos e, por isso várias são as técnicas que treinadores ou professores utilizam de forma a motivar os sujeitos.

A cooperação por outro lado é uma variável bem mais recente no contexto desportivo, abordada em 2001 por Garcia-Mas, só agora começam a surgir estudos sobre a mesma,

visto o questionário elaborado pelo mesmo ter sido construído em 2006, tendo sido aferido para a população portuguesa no ano posterior por Martins. Tendo em conta o carácter inovador do estudo da variável no contexto desportivo surgiu a ideia de realizar um estudo que visava analisar a possível relação entre a cooperação e outra variável de grande importância em processos grupais, no presente caso a motivação.

Assim, o principal objectivo do presente estudo é perceber as relações que se podem criar entre ambas. Uma vez que, como já foi referido qualquer uma das variáveis tem uma grande importância nos processos grupais, este é um estudo de carácter teórico mas com interesse para a prática, visto que os resultados podem contribuir para o trabalho de dia-a-dia das equipas. Visto não existirem estudos efectuados sobre a variável cooperação em contexto desportivo, a presente investigação tem ainda como objectivo correlacionar a variável com várias variáveis sociológicas, com o objectivo de tentar perceber as relações existentes entre as mesmas.

Com este estudo pretende-se contribuir para aprofundar o conhecimento desta variável no âmbito da psicologia do desporto.

## Cooperação

O conceito de cooperação surge com Deutsch, a partir de 1949. Na sua teoria sobre cooperação o autor define duas ideias principais: diferentes tipos de interdependência de objectivos e dois tipos básicos de acções das pessoas envolvidas na tarefa.

No que respeita ao primeiro conceito, Deutsch (2000) identifica dois tipos de objectivos: positivos e negativos. Quando a probabilidade de uma pessoa alcançar os seus objectivos está positivamente correlacionada com a probabilidade de outra pessoa alcançar também os seus próprios objectivos, estamos perante uma interdependência positiva de objectivos. Pelo contrário, quando a probabilidade de um indivíduo atingir os seus objectivos está negativamente correlacionada com a probabilidade de outro indivíduo atingir também os seus objectivos estamos, então falamos de interdependência negativa de objectivos. No entanto, o autor afirma que poucas são as situações onde é possível encontrar apenas interdependência positiva ou negativa, para o mesmo, normalmente o que acontece é uma mistura de ambos.

Relativamente aos tipos de acções, para Deutsch (2000) estas estão divididas em eficazes e ineficazes. Uma acção é eficaz quando o individuo aumenta as probabilidades de alcançar o objectivo, pelo contrário as acções são ineficazes quando o sujeito diminui as possibilidades de alcançar o objectivo.

Deutsch (2001) afirma ainda que a combinação do tipo de interdependência com a combinação do tipo de objectivos irá afectar três processos básicos da psicologia social. Assim, “*substituability*”, atitudes e “*inducibility*” são fundamentais para perceber os processos sociais e psicológicos que criam os maiores efeitos de cooperação. Por “*substituability*” entende-se como as acções de uma pessoa podem satisfazer os objectivos de outra pessoa. “*Substituability*” é então o que permite ao sujeito aceitar as acções do outro, de forma a poder realizar as suas necessidades, no entanto, este processo pode ainda ser negativo, nesse caso, existe uma rejeição e esforço para contrariar as acções do outro. Atitude por seu turno, diz respeito à predisposição do individuo para avaliar as atitudes do outro, ou mesmo o outro como favoráveis ou não favoráveis. Por “*inducibility*”,

entende-se a predisposição para aceitar a influência do outro, naquilo que ele deseja. Esta dimensão tem também uma versão negativa, que pode ser definida como a prontidão para rejeitar a vontade/desejo do outro.

A maioria dos estudos realizados sobre cooperação têm como objectivo estudar a relação entre cooperação e competição, uma vez que, de acordo com Martins (2007) toda a actividade física desportiva envolve um processo de competição e de cooperação. Os jogadores cooperam com os membros da sua equipa, mas, ao mesmo tempo, competem entre si por posições ou para serem eles a marcar o golo.

O conceito de cooperação foi também definido por Orlick, T. (1982, cit. por Daniels, A. 2007-artigo ebscho) como “pessoas que jogam uma para a outra em vez de contra a outra, jogam para superar desafios, não para superar outras pessoas, divertem-se com o jogo e com a experiência”. Midura e Glover (1989, cit. por Daniels, A. 2007) por sua vez definem cooperação como vontade de fazer um trabalho conjunto de forma a alcançar um objectivo comum.

Para Garcia-Mas e Bauzá (1994) o conceito de cooperação surge como um dos factores de coesão desportiva e foi introduzido por Deutsch através da teoria de jogos e de tomada de decisões individuais dentro da equipa. Talvez por isso seja indispensável fazer uma breve introdução ao tema coesão, para que a distinção entre os conceitos seja clara.

Para Garcia-Mas et al (no prelo) tanto a coesão, como a cooperação desportivas são dois mecanismos da dinâmica interna das equipas desportivas que, para além de possuírem fontes psicológicas diferentes, funcionam de maneira independente e são percebidas como tal pelos jogadores da equipa.

Assim, para Garcia-Mas e Bauzá (1994) a coesão de uma equipa não se pode medir através do nível de cooperação intragrupal, uma vez que, apesar destes processos terem pontos em comum, não deixam de ser dois processos distintos. Para os mesmos autores, estudar a cooperação como um dos factores de rendimento de um grupo desportivo, pode oferecer benefícios, uma vez que permite utilizar variáveis muito bem definidas da psicologia, capazes de ser observadas e avaliadas. A cooperação tem ainda a vantagem de quando comparada com outros factores grupais ser mais estável no tempo. Para Rabbie (1995, cit.

por Garcia-Mas, 2006) as variáveis fundamentais ao conceito de cooperação desportiva são a tomada de decisão, os objectivos de cada jogador, do treinador e da equipa, comuns e opostos, interacção e interdependência, e ainda, a informação sobre os resultados da cooperação e da competição.

Garcia-Mas et al (no prelo) definem coesão como o nível de afiliação social (tanto pelo grupo como pela tarefa a realizar –coesão social e coesão de tarefa), enquanto que a cooperação representa a busca de objectivos pessoais e de equipa, e a combinação de ambos para que sejam produzidos comportamentos de equipa.

Assim, tendo em conta que o estudo da dinâmica interna dos grupos estava à bastante tempo associado ao estudo da coesão, Garcia-Mas e Vicens (1994, cit. por Garcia-Mas, 2001) apresentam a possibilidade de um novo modelo de cooperação/competição que permita também estudar a dinâmica interna dos grupos desportivos.

Este modelo surge então por dois motivos principais, em primeiro lugar, a necessidade de se explicar as interacções que se desenvolvem no seio de uma equipa e em segundo lugar a necessidade de se explicar a dupla situação cooperação/competição que acontece entre os jogadores e entre estes e o treinador.

A tentativa de definir grupos entre os jogadores numa equipa, começou cedo, em 1980 foi a vez de Cratty y Hanin (cit. por Garcia-Mas, 2001) definirem os atletas de acordo com a sua situação prévia à interacção. Desta forma, estes autores encontraram três tipos de atletas:

- Atletas altamente individualistas, estão unicamente preocupados com o seu desempenho e o seu êxito profissional.
- Atletas preocupados com a equipa, reconhecem que o seu êxito depende do êxito da equipa.
- Atletas totalmente imersos na equipa, os êxitos ou fracassos da equipa são os seus próprios êxitos ou fracassos.

Apesar de esta distinção ter sido feita em paralelo ao conceito de cooperação, uma vez que é baseada em traços de personalidade, este foi o ponto de partida para a teoria dos jogos

(Lave, 1960; Nash, 1953; Scodel et al., 1960; Thibaut e Kelley, 1959; Axelrod, 1986, todos citados por Garcia-Mas, 2001). Hoje esta teoria está dentro de uma teoria mais geral, a teoria da identidade social (Tajfel e Turner, 1986, cit. por Garcia-Mas, 2001), onde cada jogador terá de eleger uma conduta, cooperante ou não cooperante, dentro ou fora de campo. Nestas situações os jogadores podem optar por condutas mais cooperantes ou mais competitivas. Segundo o mesmo autor, várias vezes o jogador se encontra tentado a optar por uma conduta competitiva de forma a poder obter um bom resultado para si mesmo, à custa de outro jogador, ou mesmo do treinador. No entanto, se o outro jogador optar também por uma conduta competitiva, nenhum dos jogadores sai a ganhar. Desta forma, a equipa obtém melhores resultados se ambos os jogadores optarem por uma conduta cooperante. Esta situação, necessita no entanto que exista a capacidade de acumular as expectativas prévias, juntamente com a clarificação dos objectivos pessoais e grupais.

Também Garcia-Mas e Vicens (1995) propuseram uma possível divisão entre os vários tipos de jogadores que formam a equipa:

- O jogador racional (jogador não cooperador) – Este tipo de jogadores não se interessa nem pelas circunstâncias nem pelas consequências da sua possível cooperação, por isso são quase imunes ao ambiente que se vive no balneário, ou até pelo ambiente que se pode criar pela equipa técnica. É então um jogador que coopera muito pouco e só em casos muito específicos (por exemplo se os seus interesses pessoais coincidirem com os da equipa).
- O jogador causal – Estes jogadores, ao contrário dos anteriores interessam-se tanto pelas circunstâncias como pelas consequências da sua cooperação. São motivados pelas consequências reais da acção cooperativa. O seu nível de cooperação está normalmente no mesmo nível que a cooperação do restante grupo, são por isso sensíveis a efeitos de *social loafing*, isto é, reduzir o seu esforço para cooperar ao observarem que os restantes membros cooperam suficientemente. Temos um subgrupo dentro do jogador causal que pode ser definido como o jogador *seguidor*, que são jogadores que se interessam muito mais pelas circunstâncias que pelas consequências de cooperar, observam o que fazem os outros e seguem a maioria.
- O jogador da equipa (o jogador cooperante) – Estes jogadores têm como objectivo o bem do grupo e o alcançar o objectivo fixado. Cooperam movidos pelo princípio da justiça. Esta acção é normalmente desenvolvida com base nas

expectativas e objectivos internos do jogador e depende bastante da percepção que o jogador tem do ambiente do grupo criado pelo treinador, o nível de sinceridade nesta interacção é bastante elevado.

Em 1995, surge então com Rabbie (cit. por Garcia-Mas, 2001) uma nova teoria explicativa do fenómeno cooperação. Desta feita uma teoria interactiva, uma vez que considera diversos factores e afirma que o jogador pode optar por uma atitude cooperante ou competitiva de acordo com uma série de factores, o autor afirma ainda que o tipo de atitude do atleta pode variar consoante os factores se alteram.

Na figura 1 é possível observar os cinco factores que Rabbie (1995, cit. por Garcia-Mas, 2001) considera para a sua teoria, qualquer um destes factores está passível de ser avaliado, analisado e eventualmente formar parte de um programa de intervenção para melhorar os níveis de cooperação num dado grupo. Assim, os cinco factores definidos por Rabbie (1995, cit. por Garcia-Mas, 2001) são:

- **Comunicação** – Por norma, os jogadores acreditam que os seus companheiros de equipa têm um estilo de cooperação muito semelhante ao seu. Desta forma, importa que este conceito possa ser contrastado para que a ameaça percebida de cooperar seja mínima.
- **Informações sobre as opções escolhidas sobre os outros** – É fundamental conhecer o resultado das experiências anteriores de cooperação e/ou competição, uma vez que influenciarão as novas decisões.
- **Confiança nos restantes membros do grupo** – A confiança no grupo surge ou por se saber à partida que a conduta cooperadora não será penalizada ou por se ter conhecimento de resultados de experiências anteriores, especialmente em situações críticas.
- **Responsabilidade e valores sociais** – A decisão de cooperar pode advir de um compromisso com os valores sociais ou da tomada de responsabilidade da equipa, dada a importância do sucesso onde se tem de cooperar e/ou competir.

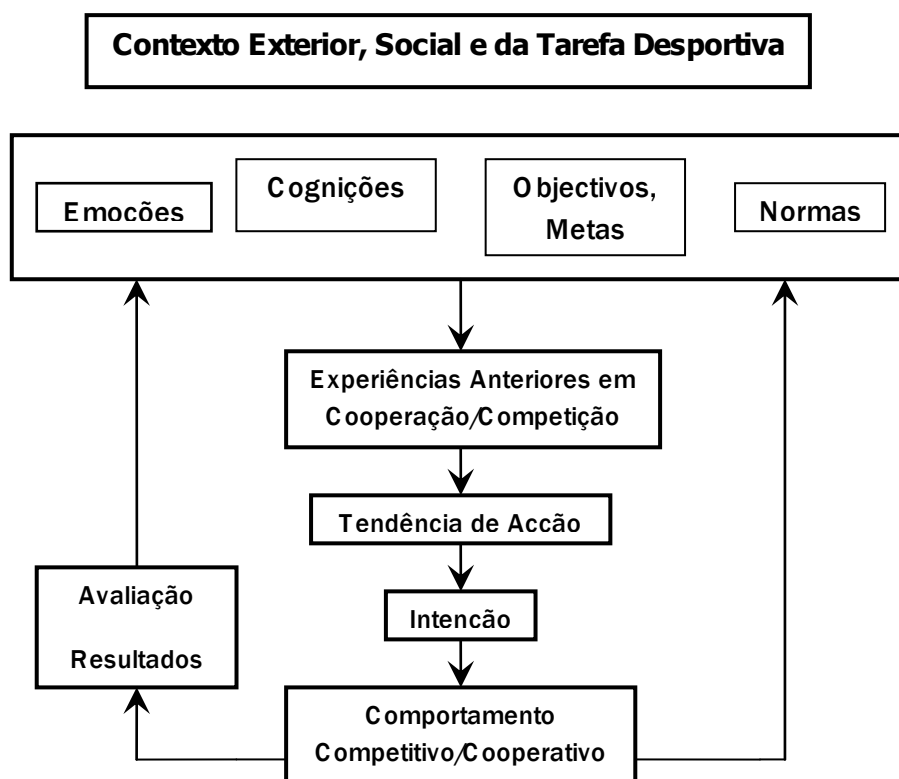


Figura 1 – Modelo de interação conceptual, relativo à conduta desportiva (Rabbie 1995, adaptado por García-Mas 2001).

- **Identidade Intra-Grupo** – Esta é uma característica que pode actuar como potenciador de todos os valores acima referidos, uma vez que, o atleta ao percepcionar os membros da sua equipa como mais honestos, fiáveis e cooperadores que os jogadores da equipa contrária contrario, diminui a distância entre os objectivos da equipa e os objectivos pessoais, e ainda, existe um maior feedback das acções individuais para alcançar o objectivo da equipa.

Na teoria de Deutsch (2001) são ainda definidas certo tipo de características produzidas por um grupo cooperativo:

- **Comunicação eficaz** – As ideias são verbalizadas, os membros do grupo prestam atenção uns aos outros, aceitam-se ideias e é se influenciado por essas ideias.
- **Amizade, ajuda e menos obstruções nas discussões.** Os membros estão satisfeitos com o grupo e com as soluções, e têm um enorme desejo de serem respeitados pelos restantes colegas.

- **Coordenação do esforço** – Existe uma divisão no trabalho, orientação para a realização da tarefa, e assim, é verificada uma elevada produtividade nos grupos cooperativos.
- **Sentimento de concordância** com as ideias dos outros e maior confiança nas suas próprias ideias e no valor que os restantes membros do grupo dão a essas ideias.
- **O processo de cooperação** leva a que os membros do grupo identifiquem os conflitos de interesse como um problema comum, que deve ser resolvido com combinação de esforços. Desta forma, facilita-se o reconhecimento da legitimidade dos problemas dos outros e aumenta-se a procura de uma solução que dê resposta aos problemas dos outros. Este tipo de situação tende a limitar os conflitos em vez de os expandir.

A cooperação desportiva não tem sido um tema muito estudado, Garcia-Mas (2001, 2006) realizou um estudo preliminar a fim de desenvolver um questionário capaz de avaliar esta variável tão importante para os processos de grupo. Assim surge o QCD “Questionário de cooperação desportiva”. Nos seus estudos, Garcia-Mas define a existência de dois factores básicos que influenciam a cooperação dos atletas. Dentro dos factores disposicionais, isto é, a tendência que o atleta tem para cooperar ou competir, encontramos dois tipos de cooperação, esta pode ser condicionada, quando os atletas cooperam de acordo com os objectivos que querem atingir ou incondicionada, quando os atletas cooperam independentemente dos seus objectivos. Existem ainda factores situacionais que podem fazer com que o atleta coopere mais ou menos, estes são: cooperação com o treinador, cooperação com os companheiros de equipa, e , por fim, cooperação fora de campo.

O modelo de cooperação desportiva definido por Garcia-Mas é apresentado na figura 2, de forma a clarificar os conceitos.

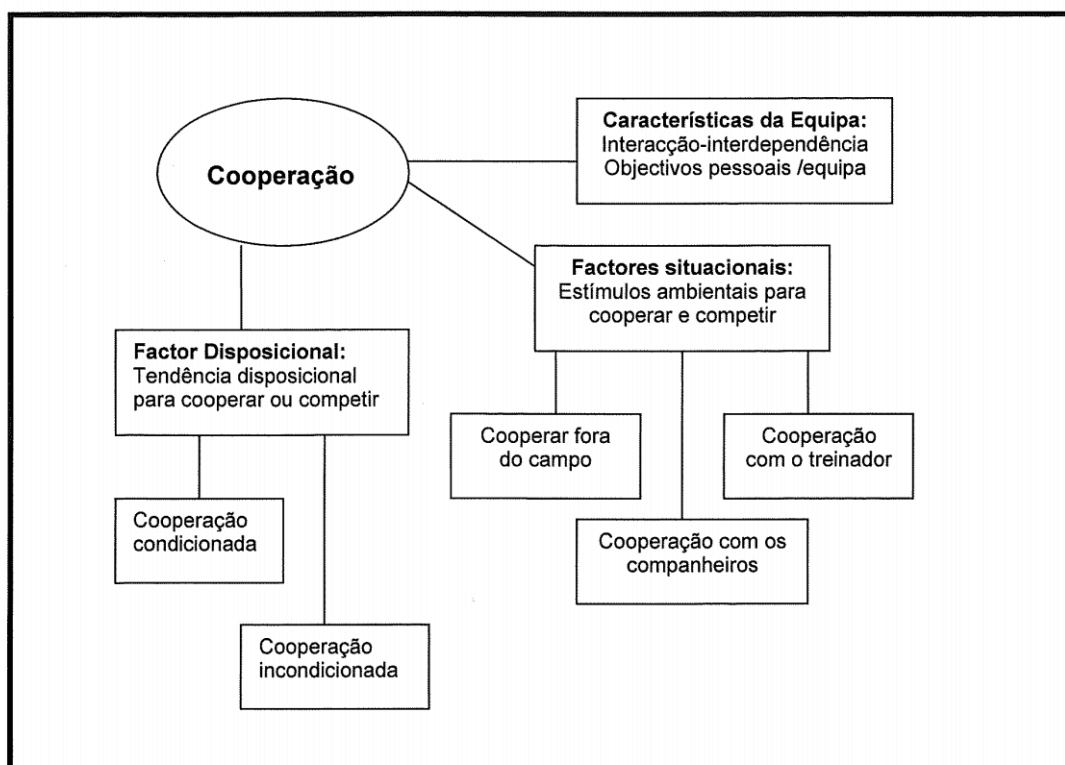


Figura 2 – Modelo de cooperação desportiva desenvolvido por Garcia-Mas (2006)

No entanto, é importante salientar que apesar de o questionário desenvolvido por Garcia-Mas (2001, 2006) revelar os cinco factores acima descritos, quando adaptado à população portuguesa por Martins (2007) este questionário apenas revelou a existência de três factores. Assim, no presente estudo, os factores a ter em conta serão, cooperação condicionada, cooperação incondicionada e cooperação com o treinador.

Uma vez que este é um conceito relativamente recente, poucos os nenhuns foram os estudos realizados com o intuito de relacionar a cooperação com outras variáveis de extrema importância para o sucesso da equipa. Desta forma, e lembrando mais uma vez que o principal objectivo deste estudo é o de estudar uma possível relação entre cooperação e motivação, proceder-se-á agora a uma descrição do segundo construto, de forma a clarificar o mesmo.

## Motivação

Quando se fala em actividade humana, a motivação é um dos temas centrais, **Treasure e Roberts** (1994) afirmam que compreender a motivação tem sido há muito um dos tópicos de investigação mais populares, sendo a sua importância reconhecida em todos os aspectos da vida física.

No contexto da psicologia moderna o conceito de motivação tem sido definido como um construtor hipotético que descreve as forças internas e/ou externas que produzem a iniciação, direcção, intensidade e persistência do comportamento humano. (Vallerand & Thill 1993, cit por Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001; Cruz, 1996).

Weingerg e Gould (2003) defendem que o conceito de motivação pode ser estudado de acordo com a definição de Sage (1977) como o processo que coordena a direcção e a intensidade do esforço dos indivíduos em determinada actividade. Para os mesmos autores, direcção do esforço é determinada pela escolha do objectivo que o indivíduo busca, isto é, a finalidade do comportamento. Por sua vez, intensidade refere-se à quantidade de esforço que um indivíduo coloca numa dada actividade.

Seguindo a mesma linha, para Halliwell (1981, cit por Cruz, 1996) o estudo da motivação no desporto tenta responder a 3 questões sobre o comportamento dos atletas, que têm por base 3 dimensões e todas começam com um porquê.

- Direcção – Perceber porque é que certos atletas escolhem certos desportos para participarem.
- Intensidade – Compreender porque é que certos atletas se esforçam mais ou jogam com maior intensidade que outros.
- Persistência – Perceber porque é que certos atletas continuam a prática desportiva e outros abandonam.

Biddle (1995) por sua vez defende que o estudo da motivação assenta na observação de cinco dimensões:

- Direcção – É considerada como o primeiro indicador da motivação. Tem a ver com a escolha que é feita.

- Persistência – Tem a ver com o grau de empenho e concentração numa determinada tarefa;
- Motivação Continua – É o retorno do sujeito à tarefa depois de um intervalo sem a praticar.
- Intensidade – Refere-se ao esforço que o sujeito põe numa dada tarefa.
- Performance – É um óptimo indicador de motivação.

De acordo com **Singer (1984)** a selecção e preferência por alguma actividade física, pela persistência nessa actividade bem como pela intensidade e robustez do rendimento é devida à motivação.

Subjacente à definição de motivação está, para Weinberg e Gould (2003) o conceito de motivação para a realização. Estes autores, baseados na ideia de Murray (1938) defendem que motivação para a realização é um conceito que se refere ao esforço para dominar uma tarefa, alcançar a excelência, vencer obstáculos e experienciar orgulho nos resultados conseguidos.

### ***Motivação intrínseca, motivação extrínseca e amotivação***

#### **Motivação Intrínseca**

Para Cruz (1996) o conceito de motivação está estreitamente relacionado com a distinção entre motivação extrínseca e intrínseca.

Para Deci & Ryan (1985; cit. por Deci & Ryan, 2002) motivação intrínseca é o estar comprometido com uma actividade unicamente pelo prazer e satisfação que a própria prática potencia, assim, este tipo de motivação deve-se a factores internos, por exemplo o gosto pela competição, acção ou excitação. Este tipo de motivação pode ainda acontecer pela vontade de ser competente e de querer aprender novas competências, são também atletas que gostam da competição e que se divertem com a actividade em questão envolvidos (Cruz, 1996, Weinberg, R., 2003).

De acordo com Vallerand et al (1989, 1992, 1993 cit. por Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001) existem três categorias que caracterizam a motivação intrínseca, são elas: a Motivação para saber; Motivação intrínseca dirigida para a realização e a Motivação intrínseca de estimulação. Sabemos que o indivíduo está intrinsecamente motivado para saber, quando este se compromete numa actividade pelo prazer e pela satisfação que tem enquanto aprende, explora e tenta assimilar factos ou situações novas (Weinberg, R., 2003 e Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001). Quando o indivíduo se dedica a uma actividade pelo prazer e satisfação que tem quando tenta ultrapassar-se a si próprio ou quando tenta realizar ou criar algo novo estamos perante uma motivação intrínseca dirigida para a realização (Weinberg, R., 2003; Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001). Neste tipo de motivação o interesse não está no resultado final, mas sim na realização do trabalho (Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001). Quando o indivíduo se envolve em actividades a fim de experimentar sensações agradáveis associadas principalmente a sentidos, por exemplo, prazer sensorial ou estético, estamos perante uma motivação intrínseca de estimulação (Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001). De acordo com a mesma autora, esta divisão tripartida permite estudar os vários tipos de motivação intrínseca experimentada no desporto.

Assim, a motivação intrínseca é responsável pelo envolvimento, interesse, prazer e continuação numa actividade iniciada, enquanto os indivíduos que começam a participar numa actividade essencialmente motivados extrinsecamente, tendem a desistir do desporto após satisfazerem as suas necessidades extrínsecas.

### **Motivação Extrínseca**

Para Walker, B. (2005), a motivação extrínseca refere-se a vários comportamentos que os indivíduos exibem, como um meio para atingir um fim. É então definida como, o compromisso que um indivíduo manifesta numa actividade, que está dependente das recompensas que obtém, externas ao prazer da prática em si, ou seja, quando a motivação para a tarefa vem de outras pessoas ou se deve a factores externos, sob a forma de reforços positivos ou negativos (Cruz, 1996). Atletas que participam em competições apenas pela honra e o prestígio que daí pode advir são bons exemplos de motivação extrínseca.

Segundo Deci e Ryan (1985, cit por Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001), são vários os motivos pelos quais os indivíduos podem escolher participar numa actividade para além do

prazer que essa actividade lhes pode trazer. Desta forma, os mesmos autores propuseram quatro tipos de motivação extrínseca:

- Regulação externa – Refere-se a comportamentos que são totalmente regulados por meios externos, como recompensas ou punições. Nesta situação os atletas participam nas actividades com base nas recompensas que podem receber ou de forma a evitar punições ou críticas (cit por Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001; Weinberg, R. 2003).
- Regulação interiorizada – Este tipo de regulação acontece quando as fontes externas de motivação se interiorizam e passam a razões internas que regulam o comportamento (Walker, B. 2005). Os atletas experienciam estímulos e pressões internas (por exemplo, culpabilidade ou ansiedade) (cit por Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001; Weinberg, R. 2003).
- Regulação Identificada – Neste tipo de regulação os atletas participam em actividades não pelo prazer, mas porque sentem que essa actividade pode contribuir para o seu crescimento em outros níveis. Neste caso, as motivações extrínsecas são interiorizadas de tal forma, que a actividade torna-se tão importante para o atleta como se tivesse sido escolhida pelo próprio. Um exemplo de regulação identificada é um jogador de futebol que não goste de levantamento de pesos mas que apesar disso não se recusa a fazê-lo porque sabe que isso o ajuda a tornar-se um jogador melhor (cit por Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001).
- Regulação Integrada – Neste tipo de regulação existe uma escolha, mas desta vez uma escolha harmoniosa. Isto é, as escolhas dos atletas são feitas em função do seu grau de coerência com outros aspectos de si próprios (personalidade, valores...).

## **Amotivação**

Para Deci e Ryan (Deci, 1975; Deci e Ryan, 1985, 1991; cit. por Walker, B. 2005) existe ainda uma terceira categoria de motivação que está relacionada com o envolvimento dos indivíduos na prática desportiva, a amotivação. Esta falta de motivação é, de acordo com Weinberg (2003) caracterizada por sentimentos de incompetência e de pouco controlo da actividade, uma vez que os atletas que experienciam esta falta de motivação acreditam que os seus comportamentos são determinados por forças que eles próprios não controlam. Deci e Ryan (1985, cit por Vallerand, R. e Rousseau, F., 2001) dizem ainda, que os atletas

vão cada vez mais perdendo o interesse na actividade, a motivação (extrínseca ou intrínseca) cada vez fica mais pequena e por conseguinte deixam de praticar desporto.

### ***Abordagem Geral às Teorias da Motivação***

São várias as abordagens que procuram perceber e explicar o conceito de motivação. Para Weiner (1972, cit. por Weinberg e Gould, 2003) as várias teorias de motivação podem ser vistas como um contínuo desde a perspectiva mecanicista, que considera o ser humano como um ser passivo, dirigido por impulsos psicológicos, até à visão cognitiva, que considera o ser humano como um ser activo que inicia a acção através da interpretação subjectiva que faz do contexto de realização.

Neste capítulo proceder-se-á a uma breve explicação das mais importantes teorias explicativas da motivação.

### **Teoria da realização das necessidades**

A teoria da realização das necessidades de McClelland (1961, cit por Cruz, 1996) foi uma das primeiras teorias psicológicas da motivação. Weinberg e Gould (1995, cit por Cruz, 1996) trouxeram os princípios e ideias desta teoria para os contextos desportivos. Esta teoria é composta por cinco componentes que agem entre si de forma interaccional e que funcionam como predictores importantes do comportamento humano.

As cinco componentes que formam a teoria são:

- Factores de Personalidade – Para esta visão interaccional, são considerados dois tipo de motivos para a realização: Motivos para alcançar o sucesso e motivos para evitar o fracasso. Para esta teoria o comportamento dos sujeitos é resultado do balanço destas duas componentes.
- Factores situacionais – Existem duas componentes a ter em conta no que respeita aos factores situacionais. A probabilidade de sucesso numa tarefa e valor de incentivo do sucesso.

- **Tendência resultante** – Esta terceira componente resulta da interacção dos factores individuais e situacionais.
- **Reacções Emocionais** – Como o próprio nome indica, tem a ver com reacções emocionais dos atletas em determinadas situações, especificamente quanto orgulho ou vergonha experienciam nas tarefas realizadas.
- **Comportamento de Realização** – Esta última componente refere-se à interacção das quatro componentes anteriores e de que forma e em que medida, esta interacção influencia o comportamento dos atletas.

Estas cinco componentes estão ilustradas na figura abaixo, para uma melhor compreensão da teoria.

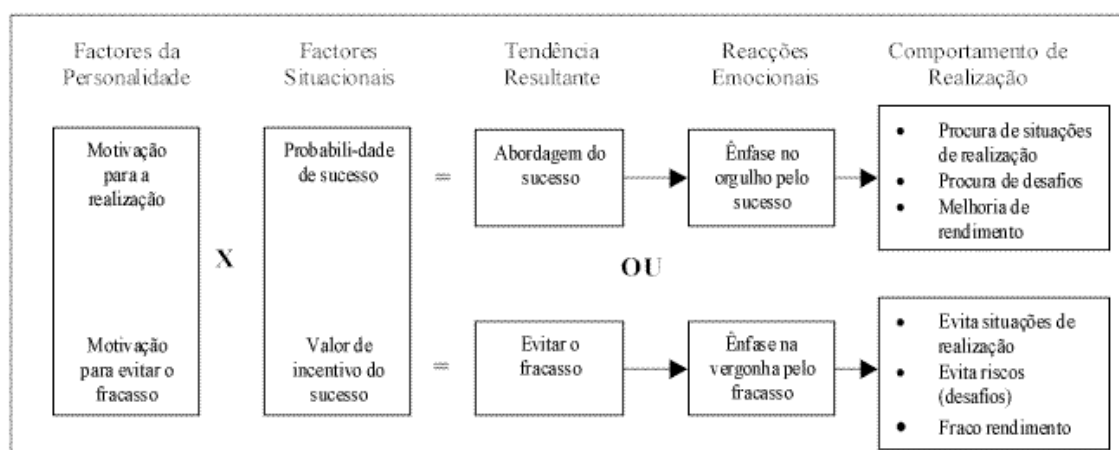


Figura 3 – Modelo teoria realização das necessidades McClelland (1961, adaptado de Weinberg & Gould, 1995 in Cruz, 1996)

De acordo com esta teoria, para Cruz (1996), é possível observar que indivíduos com elevados níveis de realização ou rendimento seleccionam tarefas e actividades desafiadoras, de dificuldade pelo menos moderada e têm melhores rendimentos quando são avaliados por outros. Pelo contrário, de acordo com o mesmo autor, sujeitos com baixos níveis de rendimento e realização evitam as tarefas e actividades desportivas, uma vez que evitam situações desafiadoras e têm menores rendimentos quando são sujeitos a avaliação.

Assim, segundo Weinberg e Gould (2003) a consideração mais importante da teoria de realização das necessidades é a escolha do tipo de tarefa (desafiadora ou não, bem como o nível de dificuldade) e ainda os predictores de sucesso.

### **Modelo da ansiedade em situação de avaliação**

Este modelo surge com base numa ampla pesquisa que procura relacionar a ansiedade em situação de avaliação com a realização de uma tarefa. Sarason e colegas (Mandler & Sarason, 1952; Sarason, Davidson, Lighthall, Waite & Ruebrush, 1960, cit. por Robert, 1995), para a construção da teoria basearam-se na relação Pai-Filho durante os anos pré-escolar e primeiro ciclo. Dando ênfase a situações como os aspectos avaliativos da situação escolar, onde a variável motivacional central é a ansiedade em avaliação. Os resultados obtidos com a teoria indicaram que o desempenho em tarefas de realização é fortemente influenciado por factores motivacionais (Cruz, 1996).

### **Modelo da expectativa de reforço**

Para Robert (1995), a terceira maior escola de pensamento sobre a motivação e o comportamento de realização é baseada na teoria da aprendizagem social. Na sua teoria Crandall (1963, 1969, cit. por Robert 1995) considerou que a variável motivacional mais importante é a expectativa individual de reforço, destacando o comportamento de realização em detrimento dos motivos. Para o autor, comportamento de realização é o comportamento dirigido para a obtenção de auto-aprovação ou de aprovação de outros, e é contingente com o critério de competência de realização (Robert, 1982, cit. por Robert, 1995).

### **Abordagem Cognitiva**

Esta é uma teoria que tem evoluído ao longo dos últimos 20 anos e segundo Robert (1995) é, nos dias de hoje o modelo dominante no estudo da motivação. Para Lemos (1993, cit. por Weinberg e Gould, 2003) a tarefa principal das teorias cognitivas da motivação é explicar a forma como os seres humanos seleccionam, processam, armazenam, evocam e avaliam a informação acerca de si próprios e do envolvimento, isto é, conhecimento.

### **Teoria da Atribuição**

Surge no âmbito da abordagem cognitiva. Em 1958, Heider (cit por Weinberg e Gould 2003) iniciou uma teoria, mais tarde desenvolvida por Weiner (1985, 1986) que procura perceber como é que os indivíduos explicam as suas acções, no caso específico do desporto os

estudos normalmente acontecem com o “ganhar” e “perder” (cit. por Robert, 1995). Os indivíduos dão várias explicações acerca dos seus sucessos e fracassos.

- Estabilidade – O factor a que os atletas atribuem sucesso ou fracassos pode permanecer estável ou instável.
- Locus de causalidade – No ponto de vista do atleta o factor que permite alcançar o sucesso ou por outro lado que leva ao fracasso pode ser algo em que este tem influencia -interno – ou por outro lado, ser algo completamente externo ao sujeito.
- Locus de Controlo – O factor que leva ao sucesso pode ou não ser controlado pelo atleta. Por exemplo, habilidade e esforço-atribuições internas ao indivíduo, por sua vez, dificuldade da tarefa ou sorte-atribuições externas ao indivíduo.

Esta teoria sugere então, que os indivíduos que apresentam uma motivação mais sólida em relação à manutenção da actividade, apresentam uma percepção interna de locus de causalidade. Esta percepção, de acordo com Biddle (1995), está relacionada com altos níveis de auto-estima, que resultam de forte identidade estabelecida entre o sujeito e a actividade que este realiza. Pelo contrário, indivíduos que apresentam uma percepção externa de locus de causalidade, apresentam uma relação específica, com níveis de baixo auto-controlo que podem determinar efeitos depressivos e uma auto-percepção negativa.

Segundo Weinberg e Gould (2003) a forma como os atletas explicam os seus resultados afecta as expectativas e as reacções emocionais, que no futuro irão influenciar a motivação para a realização.

Para Robert (1995), esta foi uma teoria que abriu muitos caminhos na investigação da motivação e é um factor importante em qualquer teoria da motivação, no entanto, segundo os mesmos esta não constitui uma teoria compreensiva por si só. Nesta senda, Dweck e Elliott (1983, cit por Robert, 1995) defendem que esta é uma teoria centrada no desejo de êxito dos indivíduos, mas que não consegue compreender o porquê desse desejo.

### **Abordagem Socio-Cognitiva**

A abordagem socio-cognitiva foi construída com base em teorias que reflectem um processo dinâmico e que incorporam conjuntos de variáveis relacionadas com os valores, afectos e cognições, que são intermediários entre a escolha e a obtenção de objectivos de realização

(Robert, 1995). É constituída sobre expectativas e valores que os indivíduos têm sobre diferentes objectivos e a actividade de realização. Mas o modelo socio-cognitivo não se resume a uma teoria, mas sim, a um conjunto de mini-teorias que pretendem descrever e/ou explicar o comportamento motivado. Nesta investigação será dado destaque às três teorias mais utilizadas no contexto desportivo.

### Teoria de Auto-Eficácia

A teoria da auto-eficácia foi, inicialmente proposta como uma explicação dos vários procedimentos de intervenção usados no tratamento da ansiedade e posteriormente começou a ser usada para explicar o comportamento de realização no desporto.

Para Bandura (1986), o conceito de auto-eficácia pode ser definido como um conjunto de percepções que cada indivíduo possui relativamente às suas capacidades para organizar e executar determinado conjunto de tarefas requeridas para alcançar determinados tipos de performance. Bandura (1997) concluiu que os níveis elevados de eficácia individual realçam o desempenho e reduzem os efeitos negativos da derrota. Assim, o propósito da teoria é a avaliação da capacidade individual, pelo próprio, para desempenhar, a um determinado nível, em determinado contexto de realização e das consequências dessas mesmas percepções ao nível dos comportamentos, pensamentos e reacções emocionais. De acordo com o mesmo autor, os níveis de eficácia entre atletas bem sucedidos e menos bem sucedidos varia nas situações de stress de competição.

### Teoria de competência pessoal

Harter (1978, cit. por Cruz, 1996) procurou explicar o comportamento motivado dos indivíduos para atingirem níveis de mestria, ou de excelência, a na realização de uma determinada tarefa.

Assim, para Harter (1978, 1981, cit por Cruz, 1996), as pessoas são motivadas para demonstrarem competência em domínios de realização como é o caso do desporto ou da escola. Segundo a mesma autora, (cit. por Robert, 1995) a competência percebida é um conceito multidimensional sensível à influência de diferentes factores cognitivos, sociais e físicos. A percepção de competência pessoal, bem como o prazer na realização da tarefa, são na opinião de Robert (1995) conseguidos através do êxito, isto é, bons rendimentos, e acabam por ser experiências positivas que desta forma promovem o aumento da motivação. Assim, os indivíduos que se percebem como mais competentes num determinado

contexto de realização, são mais motivados intrinsecamente para permanecerem envolvidos e dedicarem esforço à actividade em questão e experienciam reacções afectivas mais positivas, quando comparados aos indivíduos com percepções de incompetência e fraco controlo pessoal (Cruz, 1996).

De acordo com Cruz (1996), as percepções de competência de cada sujeito, baseadas em rendimentos bem sucedidos, desempenham um papel muito importante na motivação desportiva. Segundo Harter (1978,1981, cit por Cruz, 1996) os sujeitos que percebem que não têm competências físicas evidenciam maiores probabilidades de acabarem com o seu envolvimento no desporto, desta forma a teoria explica não só a motivação para a participação desportiva, mas também o abandono da mesma.

Segundo Cruz (1996) são vários os estudos que procuram comprovar a importância da teoria de Harter para o estudo da motivação no desporto. Klint e Weiss (1987, cit. por Robert, 1995 e Cruz, 1996) num estudo sobre a relação entre a competência percebida desportiva junto de crianças e jovens americanos, verificaram a existência de uma relação entre as percepções de competência e determinados motivos para a participação desportiva, assim, aqueles que se auto avaliaram com maior competência física identificaram como mais importantes motivos como desenvolvimento de competências e capacidades, por outro lado, sujeitos com baixos níveis de competência tendem a escolher motivos sociais ou de afiliação para a prática de alguma actividade.

### **Teorias de Realização dos Objectivos**

De um modo geral, os modelos teóricos de realização de objectivos na motivação têm sido formulados por um grande número de teóricos (Ames, 1984; Dweck, 1986; Dweck e Elliott, 1983; Elliott e Dweck, 1988; Maehr e Nicholls, 1980; Nicholls, 1984, 1989; Spence e Helmreich, 1983, cit. por Weiss, M., 1992).

Apesar de serem vários os teóricos a estudar o tema, cada um destes pontos de vista partilha algo em comum:

- O conceito de capacidade é central em cada teoria. As situações de realização são muitas vezes definidas como sendo a competência pessoal do indivíduo para conhecer as necessidades situacionais, fazendo dela a sua preocupação principal
- Em contraste com as primeiras teorias sobre motivação para a realização como um constructo unitário (Atkinson, 1977; McClelland, 1961, cit. por Weiss, M., 1992. e

Duda, J. e Whitehead, J. 1998) cada uma destas teorias considera a motivação para a realização um constructo de natureza multidimensional.

- Por último, cada um destes objectivos é um determinante central no comportamento de realização, com definições individuais de sucesso e fracasso, em termos de processo de obtenção de objectivos.

Os principais grandes teóricos no que respeita à orientação por objectivos são Nicholls, Maehr, Dweck e Ames (Duda, J., Whithead, J., 1998), e a sua pesquisa sobre motivação pode ser distinguida de vários modos importantes.

Estas teorias defendem, que o comportamento de realização é função do significado pessoal que o indivíduo atribui às percepções de sucesso e fracasso (Maehr e Braskamp, 1986 cit. por Duda, J. e Hall, H., 2001)

De um modo geral, podem considerar-se duas grandes perspectivas no que respeita às orientações motivacionais dos indivíduos. A primeira perspectiva, consiste em maximizar a probabilidade de o sujeito atribuir a si próprio grande capacidade e minimizar a probabilidade do sujeito se sentir com poucas capacidades (Ames, 1984a; Dweck, 1986; Maehr e Braskamp, 1986; Nicholls, 1984a, citados por Robert, 1995). Este objectivo leva a comportamentos que têm por base a comparação social, como é o caso da competição. As percepções de capacidade são referenciadas com base nas capacidades ou competências de outros, isto é, o sujeito percepção-se com sucesso ou fracasso com base na comparação que faz com as capacidades dos outros.

O segundo objectivo referente à orientação motivacional corresponde ao objectivo de demonstrar domínio pela aprendizagem de uma tarefa (Ames, 1984; Dweck, 1986; Maehr e Braskamp, 1986; Nicholls, 1984, cit. por Robert, 1995). Este objectivo conduz o comportamento de realização onde a aprendizagem é muito importante. Ao contrário da perspectiva anterior, aqui as percepções de competência são auto-referenciadas e dependem do progresso e aprendizagem do próprio. Nesta perspectiva, o êxito e o fracasso dependem da avaliação subjectiva que o sujeito faz de si próprio, se aprendeu algo com a tarefa, se melhorou ou ainda se actuou com mestria ao longo da actividade (Duda, 1995).

Os teóricos responsáveis pelo estudo das teorias de realização dos objectivos partilham, para além do já acima mencionado, a importância dada aos dois tipos de objectivos referidos. Assim, com base nesta ideia, surge a teoria que irá suportar esta investigação.

Formulada por Nicholls, a teoria da realização dos objectivos, (cit. por Guivernau, M. e Duda, J. 1994) tem como base a ideia de que os indivíduos participam em contextos de realização para demonstrar competência.

Esta é uma teoria que tem sofrido grandes alterações ao longo do tempo, teve o seu início no contexto académico, e posteriormente foi adoptado para a psicologia do desporto (Duda, 1995).

Tem como função compreender os antecedentes e consequências da motivação desportiva (Ames, 1992a, 1992b; Dweck, 1986, 1999; Nicholls, 1984, 1989, cit. por Duda, J. e Hall, H., 2001).

Para o autor (1984, 1989, cit. por Duda, J. e Hall, H., 2001), os indivíduos adoptam diferentes objectivos de realização em consequência da maneira como os próprios constroem a sua noção de competência. Assim, Nicholls (cit. por Guivernau, M. e Duda, J. 1994) afirma que as variações nos tipos de objectivos pessoais entre indivíduos correspondem a modos diferentes de julgar o nível de competência e de interpretar o sucesso e fracasso. A sua pesquisa identificou duas perspectivas, a que chamou “orientação para a tarefa” e “orientação para o ego”. Antes de explicar o significado destes constructos é importante referir que outros autores utilizam outras denominações para os mesmos, como é o caso de Ames – objectivos de mestria e objectivos de capacidade – (Ames, 1992b; Dweck, 1986, 1999 cit. por Duda, J. e Hall, H., 2001).

Nicholls (1984, cit. por Cruz, 1996) define que os sujeitos têm uma motivação mais orientada para a tarefa, quando o seu principal objectivo é a aprendizagem de novas competências, ou a mestria ou domínio de tarefas desafiadoras do ponto de vista pessoal, normalmente são indivíduos interessados em melhorar as suas próprias capacidades. Para o mesmo autor, a aprendizagem, o esforço dispendido, as reacções afectivas e emocionais, bem como a melhoria pessoal constituem as principais fontes de informação utilizadas para avaliar a capacidade pessoal e formular as próprias percepções de competência.

Pelo contrário, quando a orientação dos sujeitos é mais orientada para o ego Duda, J. e Hall, H. (2001), afirmam que a preocupação principal consiste em maximizarem a demonstração de elevada capacidade e minimizarem a evidência de pouco ou baixa capacidade e competência pessoal. Assim, neste tipo de orientação a comparação com outros torna-se o principal objectivo. Para este tipo de indivíduos, a avaliação positiva das

suas competências ocorre quando ao compararem-se com outros, esta comparação é positiva para si (isto é, são melhores que o outro).

A orientação motivacional dos indivíduos é ainda importante para a escolha da tarefa. Wann, D. (1997), afirma que sujeitos com elevada orientação para a tarefa, tendem a escolher tarefas desafiadoras, exercer um elevado nível de esforço, a persistir mais em relação ao fracasso, e a acreditar que o sucesso é resultado do seu esforço, têm desta forma uma elevada probabilidade de sucesso. Esta situação pode também acontecer com indivíduos com elevada orientação para o ego, mas apenas se estes se perceberem com elevada competência. Pelo contrário sujeitos com elevada orientação para o ego mas com baixa percepção de competência tendem a optar por tarefas muito fáceis ou muito difíceis (uma vez que se falharem numa tarefa muito difícil, consideram que o fracasso se deve ao grau de dificuldade da tarefa), desanimam facilmente e têm baixos níveis de esforço e persistência, nesta senda, existe uma elevada probabilidade de fracasso.

### **Modelo de realização dos objectivos e o clima motivacional**

Os indivíduos aproximam-se dos contextos de realização com uma orientação para o ego, para a tarefa, ou ainda para ambos, mas este não é um constructo independente, isto é, o contexto em que os sujeitos estão inseridos tem um poderoso efeito no tipo de orientação que os sujeitos adoptam (Kavussanu, M. E Roberts, G. 1996). Nicholls (1989, cit. por Duda, J. e Hall, H, 2001) aponta assim a importância de factores situacionais na identificação dos indivíduos com o tipo de orientação em actividades de realização.

Ames e colegas (Ames, 1992; Ames & Archer, 1988; cit. por Kavussanu, M. E Roberts, G. 1996), usaram a expressão clima motivacional para se referirem a estruturas de objectivos situacionais e adoptaram o termo mestria e performance para se referirem aos termos – tarefa e ego respectivamente. O clima motivacional envolve específicas variáveis que podem levar a uma orientação mais direccionada para a tarefa (mestria), mais direccionada para o ego (performance), ou ainda ambos. Situações que apelam à competição inter pessoal, feedback normativo, avaliação do público e ainda comparação social facilitam a orientação para o ego. Por outro lado, contextos que encorajam o esforço, a aprendizagem, a mestria de uma tarefa e a aprendizagem têm maior probabilidade de desenvolver uma orientação para a tarefa.

Assim, é fácil perceber que o clima motivacional criado muitas vezes por treinadores, pais ou amigos potencia uma destas duas distintas perspectivas de objectivos.

### *Últimos estudos realizados com o TEOSQ*

Serão agora apresentados os últimos estudos realizados utilizando o TEOSQ como instrumento de medida.

Ano	Autor	Instrumento	Objectivo do estudo	Conclusões
2004	Ryska, Todd A.	TEOSQ	Este estudo Examina o nível até ao qual os níveis de aculturação dentro de uma amostra de atletas adolescentes hispânicos (N = 702) têm impacto na estrutura factorial e invariância do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ; Duda & Nicholls, 1989).	Apesar dos resultados da análise factorial confirmatória suportarem uma estrutura bi-factorial do TEOSQ, o modelo de medida foi parcialmente invariável no que diz respeito Às diferenças na força (factor loadings) e co-variância dos factores.
2004	. Bergin, David A. Habusta, Steven F.	TEOSQ	Investiga a relação entre a pré-disposição que os pais e os jogadores têm para orientação para objectivos associadas à prática de hóquei na juventude	Mães e pais não tiveram diferenças nas suas orientações para objectivos para os seus filhos. Jogadores de equipas que viajam e de equipas que não viajam, não exibem diferenças. Para a orientação do ego, a auto-avaliação dos filhos estão significativamente correlacionadas com os objectivos que os pais têm para os seus filhos, mas o mesmo não acontece para a orientação para a tarefa. Os filhos demonstraram ser significativamente mais orientados para o ego (ego-oriented) do que os seus pais desejariam. Os filhos percebem que os seus pais têm orientações para os objectivos semelhantes às suas.
2006	Gutierrez, Melchor,	IMI TEOSQ	Examinar as relações entre as percepções de	Pais e professores têm um efeito directo na motivação intrínseca dos

	Escarti, Amparo	Questionário de percepção dos critérios expressos pelos pais e professores dos êxitos em educação física dos adolescentes.	sucesso de pais e professores entre as orientações dos adolescentes e a sua motivação intrínseca em educação física.	adolescentes em contexto de educação física e efeito indirecto através da própria orientação de objectivos dos alunos.
2006	Baric, Renata, Horga, Smiljka,	TEOSQ	Examinar as propriedades psicómetricas da versão Croata do TEOSQ.	Os resultados confirmam a existência de dois factores (ego e tarefa).
2007	Hirota, Vinicius Barroso Traqueta, Verônica Amorim	TEOSQ	Explorar o clima motivacional no futebol feminino.	A equipa tem uma orientação para a tarefa.
2007	Sit, Cindy H. P., Lindner, Koenraad J.	PMI (Participation Motivation Inventory) PA (Perceived Physical Ability) TEOSQ	Perceber os motivos para a participação no desporto e na actividade física em adolescentes.	Os grupos de alta orientação para a tarefa e para o ego no geral subscreveram a ambos os tipos de motivos para o desporto, (extrínseco e intrínseco) de uma maneira mais forte do que do que os outros grupos. As diferenças cujo motivo era o desporto variaram em função dos níveis de capacidade física percebida, género e nível de participação.  A combinação da orientação para o ego e para a tarefa tem maior importância para os motivos de participação no desporto quando comparada com os níveis de capacidade física percebida.
2007	Wilson, Kylie M	TEOSQ PGOQ,	Reexaminar a relação entre as atitudes para com os comportamentos	Parece que os atletas com elevados níveis de "Social Approval Ego" são mais prováveis que aprovem

		Versão modificada do ATUPQ	“unsportsmanlike” e a orientação para os objectivos utilizando ferramentas de acesso adicionais e modificadas.	comportamentos de “unsportsmanlike”. Estes resultados realçam a importância de considerar objectivos de aprovação social, quando se examina a relação entre a orientação para o objectivo e as atitudes para com os “unsportsmanlike”.
2007	Lung Hung Chen; Ying-Mei Tsai; Ying Hwa Kee.	TEOSQ PMCSQ ABQ (Athlete Burnout Questionnaire)	Interacção entre o clima motivacional e a orientação para os objectivos como predictor do burnout em atletas.	Os resultados mostram que uma orientação para a tarefa está negativamente relacionado com burnout.
2007	Barkoukis Vassilis, Ntoumanis Nikos, Nikitaras Nikitas	Approach-Avoidance Achievement Goals Questionnaire, Physical Education (PE) version of the Self-Regulation Questionnaire TEOSQ	Background: É normalmente aceite a existência de equivalência conceptual entre a orientação para a tarefa e para o ego na realização dos objectivos.  Objectivo: O nosso estudo examina se esta equivalência conceptual é reflectida na equivalência mensurável examinando a estrutura factorial e validade preditiva de dois questionários que medem o alcance de objectivos, baseado nas abordagens de motivação para o alcance de objectivos de Nicholl's and Elliot's.	A orientação para os objectivos medida por dois questionários diferentes, sugere que os dois tipos de objectivos estão relacionados, contudo são constructos independentes.
2008	Vidic, Zeljka,	MLQ (Multifactor Leadership Questionnaire)	Examinar as relações entre inteligência emocional, sentimentos sobre nós próprios (motivação, crenças nas	Os resultados de uma correlação canónica revelam uma relação forte e positiva entre todas as quatro componentes da inteligência emocional e três estilos de liderança

	<p>RSLP (Revised Servant Leadership Profile ),</p> <p>ESCI ( Emotional and Social Competence Inventory),</p> <p>TEOSQ, SMOSS (Social Motivational Orientation in Sport Scale)</p> <p>CNAAQ-2 (Conceptions of the Nature of Athletic Ability Questionnaire- Version 2).</p>	<p>próprias capacidades) e estilos de líderes.</p> <p>de ordem maior (transaccional, transformacional e “servant”). Além disso, estes resultados, demonstram que, elevada orientação para a tarefa, crenças de aprendizagem e orientações de reconhecimento e afiliação social, e crenças na baixa capacidade estavam significativamente relacionadas com estilos de liderança mais avançados (i.e. servant, transformacional e transaccional). Em adição, uma elevada orientação para a tarefa e crenças de aprendizagem, e a um nível mais reduzido, orientação para o ego, e reduzidas crenças de aprendizagem, estavam significativamente relacionadas com níveis mais elevados de inteligência emocional.</p>
2008	<p>Flores, Jairo Salguero, Alfonso Márquez, Sara</p> <p>TEOSQ LAPOPECQ (Learning and Performance Orientations in Physical Education Classes Questionnaire)</p>	<p>O propósito do estudo é analisar as relações existentes entre orientação para os objectivos e percepções de clima motivacional em educação física. E ainda, testar idades e géneros diferentes em orientações para os objectivos e percepções de clima motivacional.</p> <p>Foi observada uma relação entre orientação para os objectivos e percepções de clima motivacional. Os rapazes apresentaram um maior nível de orientação para o ego e percepções de orientação para a performance. Orientação de objectivos para o ego e para a tarefa, bem como percepções de aprendizagem ou performance decrescem com a idade. TEOSQ e LAPOPEQ podem ser bons instrumentos para ajudar os professores a identificar as orientações para os objectivos dos seus alunos e, ainda a perceber o</p>

Tabela 1 - Últimos estudos de motivação utilizando o TEOSQ.

Como é possível verificar através da tabela 1, o estudo da motivação utilizando o TEOSQ, a maioria dos estudos debruça-se sobre o clima motivacional da equipa, e qual o tipo de papel de pais e professores na escolha do tipo de orientação motivacional dos atletas. Tem também sido de especial importância, ao longo destes 4 anos estudar a relação existente entre orientação para o ego e orientação para a tarefa, tendo sido provado que ambos são constructos independentes.

### ***Estudos realizados com motivação e cooperação***

Durante a pesquisa realizada para este estudo não foi encontrado qualquer tipo de estudo relacionando as variáveis em causa no contexto desportivo. No entanto, foi encontrado um estudo realizado por Duda (1989, cit. por Walker, B & Foster, S., 2005) onde se pode observar que, atletas com elevada orientação para a tarefa, percebem uma relação entre os seus níveis de esforço e cooperação e a performance alcançada.

Também Duda et al (1994), realizaram um estudo, que tinha por objectivo investigar as orientações motivacionais das crianças no desporto. Nesse estudo, Duda et al (1992) descobriram que uma forte orientação para a tarefa está relacionada com a cooperação e com a convicção de que sucesso advém do esforço.

Desta forma, e tendo em conta a lacuna existente entre o estudo de ambas as variáveis em conjunto, parece bastante pertinente tentar perceber as relações existentes entre ambas. Tendo em conta a escassez de literatura existente sobre o tema, o estudo em questão será um estudo exploratório, onde não existem hipóteses. Apesar disto, e tendo em conta a revisão de literatura efectuada, é possível reflectir um pouco acerca dos resultados esperados. Desta forma, com este estudo, espera-se encontrar uma relação entre cooperação e motivação. E, espera-se ainda que os atletas que possuam uma maior orientação para a tarefa, tenham também níveis de cooperação superiores, pelo menos em algumas dimensões da variável cooperação.



## MÉTODO

### ***Amostra***

A amostra é constituída por 260 atletas que participam em modalidades colectivas onde existe confronto directo de jogadores, de ambos os sexos, recolhida em vários distritos de Portugal.

Segundo D´Oliveira (2002) os procedimentos de amostragem contemplam duas grandes categorias: as amostras probabilísticas e não probabilísticas. No presente estudo optou-se por utilizar um procedimento não probabilístico, especificamente uma amostra por conveniência. O método de amostragem por conveniência baseia-se na premissa de que se selecciona a amostra em função da disponibilidade e acessibilidade dos elementos que constituem a população alvo (Hill & Hill, 2000).

De forma a poder realizar uma melhor descrição da amostra foram tidas em conta outras variáveis que podem ser observadas nas tabelas abaixo.

A Tabela 2, permite-nos observar a distribuição da amostra relativamente ao género, assim, podemos verificar que a amostra em estudo é maioritariamente do sexo masculino.

GENERO	FREQUENCIA	PERCENTAGEM
Masculino	232	89.2%
Feminino	28	10.8%
Total	260	100%

Tabela 2 – Caracterização da amostra relativamente ao género

No que respeita à variável idade, na tabela 3 podemos observar que a amostra abrange atletas entre os 16 e os 37 anos.

CARACTERISTICA	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DP
Idade	16	37	22,15	4,885

Tabela 3 – Caracterização da amostra relativamente à idade

A Tabela seguinte (4) representa a distribuição da amostra relativamente às habilitações literárias dos atletas. Através da observação da mesma é possível verificar que as habilitações literárias mais representativas da amostra são entre o 10º e o 12º ano.

CARACTERISTICA	FREQUENCIA	PERCENTAGEM
Hab. Literárias		
7º ao 9º	52	20.1
10º ao 12º	138	53.3
Universidade	69	26.6
Total	259	100

Tabela 4 – Caracterização da amostra relativamente às Habilitações Literárias

A Tabela 5, indica a distribuição da amostra relativamente aos vários tipos de modalidade presentes no estudo. Podemos concluir que a amostra é constituída maioritariamente por atletas que praticam a modalidade futebol, sendo o hóquei a modalidade com amostra menor.

MODALIDADE	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
Andebol	25	9.6
Basquetebol	30	11.5
Futebol	146	56.2
Futsal	19	7.3

Hóquei	8	3.1
Rugby	32	12.3
Total	260	100

Tabela 5 – Caracterização da amostra relativamente à modalidade

No que respeita ao nível competitivo das equipas em questão, este pode ser observado através da tabela 6. Verificamos então que a amostra se distribui pelos níveis nacional e distrital e que ambos os níveis estão equilibrados no que concerne ao número de atletas em cada um.

NÍVEL	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
Nacional	140	53.8
Distrital	119	45.8
Total	259	99.6

Tabela 6 – Caracterização da amostra relativamente ao Nível competitivo

Relativamente à variável escalão, foram considerados apenas atletas pertencentes ao escalão Júnior e Sénior, de forma a evitar problemas na compreensão do questionário. A tabela 7 revela que mais de metade da amostra pertence ao escalão sénior.

ESCALÃO	FREQUÊNCIA	PERCENTAGEM
Júnior	85	32.7
Sénior	175	67.3
Total	260	100

Tabela 7 – Caracterização da amostra relativamente ao escalão

Através da Tabela 8 podemos concluir que a média que os atletas praticam a modalidade no seu clube é de 4.62 anos, e que em média os atletas da amostra têm cerca de 3.59 treinos por semana. No que respeita ao número de jogos, podemos concluir que no mínimo os atletas jogaram 1 jogo e que no máximo houve atletas que jogaram 43, contudo a média de jogos praticados pelos atletas é de 16.18.

CARACTERISTICA	MINÍMO	MÁXIMO	MÉDIA	DP
Modalidade no tempo	1	30	10.81	5.347
Modalidade no clube	1	25	4.62	4.054
Número de treinos	1	8	3.59	0.990
Número de jogos	1	43	16.18	8.412

Tabela 8 – Caracterização da amostra relativamente ao tempo que pratica a modalidade, ao tempo que a pratica no clube, ao número de treinos por semana e ao número de jogos que participou ao longo da época

### ***Delineamento do estudo***

Neste trabalho, de carácter quantitativo as variáveis em estudo serão a cooperação e a motivação. Este será um estudo correlacional, uma vez que, pretende estudar as relações existentes entre as variáveis acima mencionadas.

Num estudo deste tipo, de acordo com Bryman e Cramer (2001) não existe qualquer tipo de manipulação de variáveis por parte do investigador e os dados são todos recolhidos num mesmo momento. Num estudo correlacional torna-se ainda impossível estabelecer uma ordem causal entre as variáveis em estudo. Recorrendo à tipologia de Campbell e Stanley (1966 cit. por D'Oliveira, 2002), nos estudos correlacionais são pesquisadas relações entre as variáveis em estudo.

## *Instrumento*

### **Task and Ego Orientation Sport Questionnaire**

Elaborado a partir de escalas que visavam avaliar as orientações por objectivos na sala de aula (Nicholls, 1989; Nicholls et al, 1985), o TEOSQ – Task and Ego Orientation Sport Questionnaire surge em 1989 por Duda & Nicholls nos Estados Unidos da América e avalia a orientação motivacional dos atletas para a tarefa e/ou ego em contexto desportivo.

A versão utilizada neste estudo, isto é TEOSQp, foi adaptado à população Portuguesa por Fonseca & Brito (2005).

O questionário é iniciado com a frase “Quando me sinto com mais sucesso no desporto é quando...” a partir daqui é pedido aos sujeitos que avaliem cada um dos 13 itens que constituem a escala com base nesta frase, isto é, com base nos seus sentimentos de sucesso e êxito no desporto. Os 13 itens estão divididos em 7 afirmações com orientação para a tarefa e 6 com orientação para o ego.

- Orientação para o Ego – Constituído pelos itens 1,3,4,6,9 e 11. Exemplo do item 4: “Quando me sinto com maior sucesso no desporto é quando os outros não conseguem fazer tão bem como eu”.
- Orientação para a Tarefa – Constituído pelos itens 2,5,7,8,10,12 e 13. Exemplo do item 5: “Quando me sinta com mais sucesso no desporto é quando aprendo algo que me dá prazer fazer”.

Os atletas respondem a cada item optando por uma alternativa, numa escala tipo Likert, de 5 pontos, onde, 1= discordo totalmente e 5= concordo totalmente.

Os scores de cada subescala são calculados através do somatório dos respectivos itens da escala e posterior divisão pelo número de itens que constituem a subescala (isto é, score médio).

Seguidamente passaremos à análise da fidelidade da escala. Esta qualidade métrica analisa a replicabilidade dos resultados, ou seja, garante com determinado grau de confiança, a exactidão das medidas efectuadas. Esta qualidade métrica é aqui avaliada ao nível da consistência interna, que é definida como a proporção da variabilidade das respostas resultante das diferenças entre os sujeitos e não por diferenças de interpretações (Pestana & Gageiro, 2005). No presente estudo utilizou-se como medida de consistência interna o Alpha de Cronbach. Os valores de consistência interna para as duas dimensões do instrumento obtidos através do Alpha de Cronbach encontram-se na tabela 9.

ORIENTAÇÃO	ALPHA DE CRONBACH
Ego	0.855
Tarefa	0.821

Tabela 9 – Valores de Alpha de Cronbach para as subescalas do TEOSQ

Através da tabela anterior é possível observar que, para ambas as dimensões, os valores de Alpha de Cronbach são bons, visto ambas as dimensões terem valores acima dos 0.8 (Pestana & Gageiro, 2005).

### **Questionário de Cooperação Desportiva – QCD**

Elaborado por García-Mas em 2006, o questionário de cooperação desportiva surge com o intuito de estudar a dinâmica interna dos grupos desportivos, através de uma nova teoria que não a até então em vigor, teoria da coesão desportiva.

O questionário em causa é, na versão original constituído por 15 itens, que são avaliados numa escala tipo “Likert” de pontos, onde, 1-Nada e 5-Muito. Estes itens estão divididos em dois tipos de factores, que por sua vez estão divididos em 5 subcategorias. Assim, dentro dos factores disposicionais temos duas subcategorias:

- Cooperação Condicionada

- **Cooperação Incondicionada**

No que se refere aos factores situacionais, estes estão divididos em 3 subcategorias:

- **Cooperação com o treinador**
- **Cooperação com os companheiros de equipa**
- **Cooperação fora de campo**

A adaptação do presente questionário à população Portuguesa foi efectuada por Martins (2007) e revelou algumas diferenças relativamente à escala original, uma vez que apenas foram encontrados 3 factores. São eles:

- **Cooperação Condicionada** – Constituída pelos itens 4,8 e 12. Exemplo do item 4 “Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele mo reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial.”
- **Cooperação Incondicionada** – Constituída pelos itens 1,2,3,6,10,11,13,14 e 15. Exemplo do item 6 “Eu colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.
- **Cooperação com o Treinador** – Constituída pelos itens 5,7 e 9. Exemplo do item 9 “Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a sacrificar as minhas ideias acerca do jogo.

Os scores de cada subescala são calculados através do somatório dos respectivos itens da escala.

A Tabela seguinte mostra os valores de Alpha de Cronbach para as várias dimensões do questionário de cooperação.

COOPERAÇÃO	ALPHA DE
------------	----------

	CRONBACH
Condicionada	0.518
Incondicionada	0.759
Treinador	0.612

Tabela 10 – Valores de Alpha de Cronbach para as subescalas do QCD

Podemos então observar, que a subescala Cooperação Condicionada tem um Alpha de Cronbach baixo, isto é, abaixo de 0.6, o que faz com que os resultados obtidos tenham de ser analisados com alguma cautela. Para as restantes duas subescalas os valores obtidos são considerados razoáveis, uma vez que os autores Hill e Hill (2002) referem que nas ciências sociais é possível trabalhar com valores de consistência interna na ordem dos 0,6. Contudo, os resultados encontrados com a presente investigação devem ser interpretados com algumas reservas.

### ***Procedimento***

O presente estudo surge num trabalho conjunto do Instituto Superior de Psicologia Aplicada com a Universidade das Ilhas Baleares. Conjuntamente com este estudo surge a necessidade de cruzar a variável cooperação com outras variáveis para além da motivação. Assim, a investigação em causa deu azo a mais dois estudos, o estudo da relação da cooperação com a liderança e o estudo da cooperação com a eficácia colectiva. Desta forma, a recolha de dados foi feita em conjunto com estes dois estudos.

Primeiramente foram contactados os treinadores dos clubes seleccionados, para que fosse marcado um dia para que fosse explicado o propósito do estudo, solicitando a colaboração da sua equipa.

Posteriormente, e já com a autorização do treinador dirigimo-nos aos clubes em questão a fim de explicar a natureza do estudo aos atletas. As instruções dadas consistiam em informar os atletas que este é um estudo que visa perceber as relações que existem entre a cooperação e a motivação, não havendo por isso respostas certas ou erradas. Era ainda pedido aos atletas que respondessem com sinceridade, uma vez que se não o fizessem

podiam comprometer o estudo. Por fim foi garantida a confidencialidade dos dados e marcado um dia para a recolha dos questionários.

Numa última fase era marcado um dia para a recolha dos questionários no clube.

## RESULTADOS

Neste capítulo proceder-se-á à análise dos resultados obtidos.

Este capítulo é iniciado com o estudo da normalidade de cada uma das escalas a fim de posteriormente se poder decidir que tipo de procedimento estatístico utilizar.

### *Análise à Normalidade*

O teste utilizado para averiguar a normalidade das variáveis em causa foi o teste de Kolmogorov-Smirnov que permite “inferir sobre normalidade em amostras aleatórias “(Pestana e Gageiro, 2005).

Através da tabela 11 podemos verificar que nenhuma das subescalas de cooperação segue uma distribuição normal, para um nível de significância de 0.05.

	CONDICIONADA	INCONDICIONADA	TREINADOR
Kolmogorov-Smirnov	1.847	2.245	2.780
<i>p-value</i>	0.002	0.000	0.000

Tabela 11 – Teste Kolmogorov-Smirnov para a variável cooperação

Como podemos observar na tabela 12, a subescala Ego, segue uma distribuição normal para um nível de significância de 0.05 ( $p=0.131$ ). No entanto, a subescala motivação para a Tarefa não segue uma distribuição normal, para o mesmo nível de significância ( $p=0.016$ ).

EGO	TAREFA
-----	--------

Kolmogorov-Smirnov	1.168	1.555
<i>p-value</i>	0.131	0.016

Tabela 12 – Teste Kolmogorov-Smirnov para a variável motivação

Desta forma, tendo em conta que nem todas as dimensões das variáveis segue distribuição normal, os testes possíveis de utilizar serão sempre não paraméricos.

### ***Estadística descritiva***

Seguidamente efectuou-se uma estatística descritiva para a variável cooperação relativamente à amostra total dos atletas.

Subescala	N	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO	MÍNIMO	MÁXIMO
Condicionada	260	10.5833	2.47117	3	15
Incondicionada	260	39.6534	3.84660	22	45
Treinador	260	12.6532	1.85523	5	15

Tabela 13- Estatística descritiva da variável cooperação

Através da análise da tabela 13, podemos verificar que os scores máximos obtidos através das respostas dos sujeitos estão na subescala incondicionada. Sendo também esta a subescala que possuiu maior média.

Sub-escala	N	MÍNIMO	MÁXIMO	MÉDIA	DESVIO-PADRÃO
------------	---	--------	--------	-------	---------------

Mot_ego	259	1,00	5,00	2,7228	,98096
Mot_tarefa	260	1,00	5,00	4,1774	,56309
N Válido	259				

Tabela 14- Estatística descritiva da variável motivação

Na tabela 14, podemos observar que a sub-escala que possui maior média é a orientação para a tarefa e ainda, que os valores mínimos e máximos são idênticos em ambas as sub-escalas e variam entre 1 e 5.

### ***Estudo da relação entre cooperação e motivação***

A fim de verificar se a relação entre as duas variáveis em estudo existe, efectuou-se o estudo das correlações entre as variáveis. Visto as variáveis em estudo não possuírem distribuição normal o coeficiente a utilizar é o de coeficiente de correlação Ró de Spearman, que mede a intensidade da relação entre variáveis pelo menos ordinais. Este coeficiente varia entre os valores -1 e 1. O valor 0 (zero) significa ausência de associação entre as variáveis, o valor 1 indica que as variáveis possuem uma associação directa perfeita e por último, o valor -1 indica que as variáveis apresentam uma associação perfeita mas inversa, isto é, quando uma das variáveis aumenta a outra diminui (Maroco & Bispo, 2003).

Escala	MOT_EGO	MOT_TAREFA
Condicionada	0.209**	0.143*
<i>p-value</i>	0.001	0.022
Incondicionada	- 0.142*	0.358**
<i>p-value</i>	0.023	0.000
Treinador	- 0.224**	0.147*

<i>p-value</i>	0.000	0.018
----------------	-------	-------

\*\*  $p \leq 0.01$  \*  $p \leq 0.05$

**Tabela 15 – Matriz de correlações entre Motivação TEOSQ (Ego/Tarefa) e Cooperação (Condicionada, Incondicionada e Tarefa)**

A tabela 15 apresenta as correlações entre as dimensões referentes à cooperação e à motivação. No que respeita à dimensão Condicionada, podemos verificar que esta se relaciona positivamente com ambas as dimensões da Motivação. No entanto, é com a dimensão Ego ( $r_s = 0.209$ ;  $p = 0.001$ ) que esta relação é mais forte, o que significa que à medida que a cooperação condicionada aumenta, aumenta mais a motivação orientada para o ego em detrimento da motivação orientada para a tarefa.

No que se refere à dimensão Incondicionada, podemos concluir que esta se relaciona negativamente com a orientação para o Ego ( $r_s = -0.142$ ,  $p = 0.023$ ) o que significa que as dimensões em causa variam em sentido contrário, isto é, à medida que uma dimensão aumenta a outra diminui. Entre as dimensões Incondicionada e Tarefa, encontramos a correlação mais forte desta tabela ( $r_s = 0.358$ ,  $p = 0.000$ ), o que indica que um atleta que tende a cooperar incondicionalmente tem uma motivação mais orientada para a tarefa.

Finalmente, surge a dimensão Treinador, onde, mais uma vez encontramos uma correlação negativa, quando relacionamos esta dimensão com a dimensão Ego ( $r_s = -0.224$ ,  $p = 0.000$ ). Desta forma, é possível afirmar que às categorias mais elevadas de uma variável, estão associadas as categorias mais baixas da outra variável, isto é, à medida que a cooperação com o treinador aumenta, diminui a orientação para o ego, ou vice-versa. Já entre as dimensões treinador e tarefa, a correlação é positiva ( $r_s = 0.147$ ,  $p = 0.018$ ), o que significa que à medida que a cooperação com o treinador aumenta, aumenta também a orientação para a tarefa.

Estudo da relação entre as variáveis idade, numero de treinos, numero de horas, tempo que pratica a modalidade, tempo que pratica a modalidade no clube, nº jogos em que participou, rendimento e a Cooperação

De forma a verificar se existe relação entre a variável cooperação e as restantes variáveis individuais, procedeu-se novamente ao estudo da correlação, utilizando uma vez mais o coeficiente de correlação de Spearman, pelos motivos já acima mencionados.

Assim, através da tabela 16, é possível observar que, existe uma associação negativa entre a dimensão condicionada da variável cooperação com a variável idade ( $r_s = -0.255$ ,  $p=0.000$ ), isto é, à medida que a variável idade aumenta diminui a cooperação condicionada. No que respeita à cooperação incondicionada, podemos concluir que não existe qualquer tipo de associação significativa entre as variáveis. Em relação à dimensão treinador, podemos observar que existe uma correlação positiva com a variável idade ( $r_s = 0.167$ ,  $p=0.007$ ).

Variável	IDADE
Condicionada	-0.255**
<i>p-value</i>	0.000
Incondicionada	0.014
<i>p-value</i>	0.821
Treinador	0.167**
<i>p-value</i>	0.007

\*\*  $p \leq 0.01$

Tabela 16 – Matriz de correlações entre a Cooperação e a variável idade

No que respeita à relação entre as variáveis número de treinos e número de horas que os atletas treinam por semana, com a variável cooperação, através da tabela 17 é possível observar que não existe qualquer tipo de associação significativa.

ESCALA	Nº TREINOS	Nº HORAS
Condicionada	0.029	-0.013

<i>p-value</i>	0.638	0.831
<i>Incondicionada</i>	0.110	0.013
<i>p-value</i>	0.079	0.842
<i>Treinador</i>	0.032	0.032
<i>p-value</i>	0.604	0.611

Tabela 17 – Matriz de correlações entre a Cooperação e as variáveis nº treinos e nº horas de treino por semana

Seguidamente é apresentada a tabela 18, onde é possível observar que as variáveis há quanto tempo praticam a modalidade, bem como, há quanto tempo praticam a modalidade no clube não possuem qualquer tipo de associação com a variável cooperação.

Escala	MOD_TEMPO	MOD_CLUBE
Condicionada	-0.073	0.054
<i>p-value</i>	0.246	0.389
Incondicionada	0.081	0.008
<i>p-value</i>	0.192	0.903
Treinador	0.114	- 0.001
<i>p-value</i>	0.069	0.982

Tabela 18 – Matriz de correlações entre a Cooperação e as variáveis tempo que praticam a modalidade e tempo que praticam a modalidade no clube

A relação entre as variáveis cooperação e número de jogos em que os atletas participaram ao longo do ano é apresentada na tabela 19. Através da análise da tabela é possível verificar que apenas existe correlação entre a subescala incondicionada e o número de jogos ( $r_s=0.171$ ,  $p= 0.013$ ), esta é uma associação positiva, onde há medida que o número de jogos em que os atletas participam aumenta, aumenta também a cooperação incondicionada.

Variável	Nº	RENDIMENTO
JOGOS		
Condicionada	0.091	0.054
<i>p-value</i>	0.192	0.428
Incondicionada	0.171*	0.141*
<i>p-value</i>	0.013	0.039
Treinador	0.120	0.015
<i>p-value</i>	0.085	0.822

\* $p \leq 0.05$

Tabela 19 – Matriz de correlações entre a Cooperação, o número de jogos em que os sujeitos participaram ao longo do ano e o rendimento percebido dos atletas.

É ainda possível observar, na mesma tabela que existe uma correlação positiva entre a variável rendimento e a cooperação ( $r_s = 0.141$ ,  $p = 0.039$ ).

### ***Diferenças entre grupos***

A fim de analisar as relações existentes entre as subescalas da variável motivação e as subescalas da variável cooperação, procedeu-se à realização do teste não paramétrico de Mann-Whitney. Este teste, permite então verificar se existem diferenças significativas entre dois grupos, para distribuições que violam a normalidade (Pestana & Gageiro, 2005).

No caso específico do presente estudo, a amostra será dividida a partir da variável motivação. Desta forma, as duas subescalas de motivação foram divididas em dois grupos, alto valor da subescala e baixo valor da subescala. Sendo considerados os atletas com valores iguais ou superiores à mediana como pertencentes ao grupo alto valor da subescala.

Para a subescala Ego, a divisão é feita a partir do valor 3, isto é, o valor da mediana.

Subescala cooperação	Grp_Ego	N	Ordem das médias
Condicionada	grp_alto_ego	114	140.00
	grp_baixo_ego	145	122.14
	Total	259	
Incondicionada	grp_alto_ego	114	116.03
	grp_baixo_ego	145	140.99
	Total	259	
Treinador	grp_alto_ego	114	115.14
	grp_baixo_ego	145	141.68
	Total	259	

Tabela 20 – Diferenças nos valores entre grupos alto ego e baixo ego

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	7125.000	6672.000	6571.500
<i>p-value</i>	.055	.008	.004

Tabela 21 – Valores do teste de Mann-Whitney para a subescala Ego

Através da análise das tabelas 20 e 21 é possível verificar que o único grupo onde não existem diferenças significativas é na subescala condicionada, uma vez que para as outras duas subescalas possuem um *p-value* inferior a 0.05 ( $U_1=6672$ ,  $p=.0.008$  e  $U_1=6571$ ,  $p=0.004$ , ambas para um nível de significância de 0.05). Assim, quando comparamos os dois grupos, podemos concluir que o grupo baixo ego, possui uma média superior na cooperação incondicionada e na cooperação com o treinador.

Para a subescala tarefa, o valor a partir do qual se dividiram os grupos foi 4. As tabelas seguintes permitem analisar, as diferenças existentes entre cada grupo.

Subescala cooperação			Ordem das médias
	Grp_tarefa	N	
Condicionada	grp_alta_tarefa	177	138.90
	grp_baixa_tarefa	83	112.58
	Total	260	
Incondicionada	grp_alta_tarefa	177	145.75
	grp_baixa_tarefa	83	97.97
	Total	260	
Treinador	grp_alta_tarefa	177	137.12
	grp_baixa_tarefa	83	116.38
	total	260	

Tabela 22 – Diferenças nos valores entre grupos alta e baixa motivação para a tarefa.

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	5858.000	4645.500	6173.500
<i>p-value</i>	.008	.000	.035

Tabela 23 – Valores do teste de Mann-Whitney para a subescala Tarefa

Através das tabelas anteriores, podemos observar as diferenças que existem diferenças significativas entre todas os níveis da variável cooperação, uma vez que, para as 3 subescalas os níveis de *p-value* são inferiores ao nível de significância considerado

( $U_c=5858$ ,  $p=0.008$ ;  $U_i=4645.5$ ,  $p=0.000$  e  $U_t=6173.5$ ,  $p=0.035$ , para um nível de significância de 0.05). Sendo que, o grupo de alta orientação para a tarefa, possui médias superiores em todas as subescalas da variável cooperação em relação ao grupo baixa orientação para a tarefa.

Posteriormente, analisou-se a relação existente entre as variáveis demográficas e as 3 subescalas da variável cooperação.

Subescala cooperação	Gênero	N	Ordem das médias
Condicionada	Masculino	231	132,84
	Feminino	28	106,55
	Total	259	
Incondicionada	Masculino	231	129,48
	Feminino	28	134,30
	Total	259	
Treinador	Masculino	231	128,59
	Feminino	28	141,61
	Total	259	

Tabela 24 - Diferenças nos valores entre gênero e cooperação

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	2577.500	3113.500	2909.000
<i>p-value</i>	.077	.747	.378

Tabela 25 - Valores do teste de Mann-Whitney para o gênero

Ao analisarmos as tabelas 24 e 25, podemos concluir que não existem diferenças significativas relativamente ao género, para nenhuma subescala da variável cooperação.

No que respeita à variável habilitações literárias, o teste utilizado para averiguar a possível relação entre as variáveis foi o teste de Kruskal-Wallis, uma vez que permite verificar a igualdade para variáveis no mínimo ordinais (Pestana e Gageiro, 2005).

Subescala cooperação	Habilitações	N	Média
Condicionada	sétimo ou nono	52	156.85
	décimo ou décimo segundo	138	125.03
	universidade	68	117.65
	Total	258	
Incondicionada	sétimo ou nono	52	132.99
	décimo ou décimo segundo	138	127.31
	universidade	68	131.27
	Total	258	
Treinador	sétimo ou nono	52	130.11
	décimo ou décimo segundo	138	122.98

universidade	68	142.27
<b>Total</b>	<b>258</b>	

Tabela 26 – Diferenças nas habilitações literárias com a cooperação

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Qui-quadrado	9.335	.273	3.144
g.l	2	2	2
<i>p-value</i>	.009	.872	.208

Tabela 27 – Teste de Kruskal-Wallis para as habilitações literárias

Podemos verificar, através das tabelas 26 e 27 que existem diferenças significativas apenas na subescala condicionada ( $X^2_c=9.335$ ,  $p=. 0.009$ , para um nível de significância de 0.05). É possível assim verificar que o grupo “sétimo ao nono” possui maior média de cooperação condicionada quando comparado com os restantes grupos.

No que respeita à variável nível de competição em que os atletas estão inseridos, utilizou-se novamente o teste de Kruskal-Wallis, a fim de averiguar se existem diferenças entre os grupos.

Subescala cooperação	Nível	N	Média
Condicionada	nacional	139	126.67
	distrital	119	132.81
	<b>Total</b>	<b>258</b>	
Incondicionada	nacional	139	124.23
	distrital	119	135.66
	<b>Total</b>	<b>258</b>	

Treinador	nacional	139	129.54
	distrital	119	129.45
	Total	258	

Tabela 28 – Diferenças no nível com a cooperação

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Qui-quadrado	.442	1.517	.000
g.l.	1	1	1
<i>p-value</i>	.506	.218	.993

Tabela 29 – Teste de Kruskal-Wallis para o nível de competição

Através da análise das tabelas anteriores, podemos concluir que não existem diferenças significativas entre o nível competitivo em que os sujeitos estão inseridos em nenhuma das subescalas da cooperação.

Por fim, procedeu-se ao estudo da relação existente entre a variável escalão e as várias subescalas de cooperação. Para tal, uma vez mais foi utilizado o teste de Mann-Whitney.

Subescala cooperação	Escalão	N	Ordem das médias
Condicionada	júnior	85	148.70
	sénior	175	121.66
	Total	260	
Incondicionada	júnior	85	135.32
	sénior	175	128.16
	Total	260	

Treinador	júnior	85	115.59
	sénior	175	137.74
	Total	260	

Tabela 30 – Diferenças entre o escalão e a variável cooperação

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney			
U	5890.500	7027.500	6170.000
<i>p-value</i>	.006	.469	.024

Tabela 31 – Valores do teste de Mann-Whitney para o escalão.

No que respeita à variável escalão, como podemos verificar nas tabelas 30 e 31, existem diferenças significativas para as subescalas condicionada e treinador ( $U_c=5890.500$ ,  $p=.0.006$  e  $U_t=6170$ ,  $p=0.024$ , para um nível de significância de 0.05), visto ambas as escalas possuírem um *p-value* inferior ao nível de significância. Podemos verificar então que, no que respeita à subescala condicionada o escalão júnior possui uma média superior. No entanto, quando falamos em cooperação com o treinador é o escalão sénior que possui uma maior média.

## DISCUSSÃO

Neste capítulo proceder-se-á à análise e reflexão dos resultados anteriormente, comparando-os com a teoria anteriormente exposta, tendo em conta os objectivos da investigação. É importante lembrar uma vez mais que o principal objectivo desta investigação é o de explorar as relações existentes entre a cooperação e a motivação, dois constructos com tanta importância para o desempenho das equipas. Tendo em conta a escassez de literatura sobre o tema em questão, este é um estudo exploratório e, desta forma, não foi possível formular qualquer tipo de hipóteses.

### *Estudo da relação entre cooperação e motivação*

Como primeiro objectivo deste trabalho propunha-se avaliar a relação entre cooperação e motivação em desportos colectivos. Através do presente estudo foi possível identificar uma relação entre ambas as variáveis. Sendo esta relação em alguns casos positiva e noutros negativa.

Como foi dito anteriormente, neste estudo não partimos de qualquer hipótese, contudo, tendo em conta a revisão de literatura realizada sobre o constructo cooperação, foi possível identificar que este é um constructo diferente de coesão desportiva, mas no entanto com alguns pontos em comum (Garcia-Mas & Bauzá, 1994). Desta forma, foi nos possível fazer algumas reflexões acerca do que era esperado nesta investigação. E, tendo em conta que vários foram os estudos onde a relação entre coesão e motivação foi identificada, era de esperar que também entre cooperação e motivação fosse identificada uma relação.

Foi possível observar uma relação positiva entre a cooperação condicionada e a orientação para o ego, esta relação é também observada entre esta dimensão da cooperação e a orientação para a tarefa, contudo, no primeiro caso existe um grau de associação maior. Uma vez que os atletas com elevada orientação para o ego têm como principal objectivo ser melhor que os seus companheiros, é possível que esta associação entre cooperação condicionada e orientação para o ego advenha daí.

A dimensão incondicionada possui uma relação positiva com a orientação para a tarefa e uma relação negativa com a orientação para o ego. Desta forma, atletas que cooperam incondicionalmente tendem a ter uma maior orientação para a tarefa e por consequência uma menor orientação para o ego.

A cooperação com o treinador tem também uma relação negativa com a dimensão ego, isto é, um atleta que possui uma forte cooperação com o treinador tende a ter uma baixa orientação para o ego. No entanto, quando comparamos a cooperação com o treinador com a orientação para a tarefa, podemos concluir que estas se relacionam positivamente.

#### *Estudo das diferenças entre grupos*

A fim de se perceber melhor o tipo de relação existente entre as variáveis, procedeu-se ao estudo das diferenças entre grupos. Desta forma, os grupos foram divididos com base na mediana de cada sub-escala da variável motivação, desta forma, foi possível verificar que o grupo com baixa orientação para o ego possui uma correlação positiva com a cooperação incondicionada e com a cooperação com o treinador.

Foi ainda encontrada uma relação positiva entre o grupo com elevada orientação para a tarefa e qualquer uma das dimensões da cooperação. Williams (1994, cit. Wann, D. 1997), nos seus estudos identificou que indivíduos orientados para a tarefa estão bastante interessados na dificuldade da tarefa, na aprendizagem que podem obter com a tarefa e em melhorar as suas capacidades. Este talvez seja um dos motivos que faz com que no nosso estudo, indivíduos com elevada orientação para a tarefa tendam a cooperar tanto com condicionalmente como incondicionalmente, bem como com o treinador. A principal preocupação destes atletas é serem melhores naquela tarefa, assim, talvez seja este um dos motivos que os faz cooperar sob qualquer uma das formas da cooperação. É possível que encarem a cooperação como um meio para atingir um fim, isto é, ao cooperarem com os colegas ou treinadores, podem melhorar as suas capacidades mais rapidamente, por exemplo através de inter-ajuda.

O estudo da diferença entre grupos, veio então fortalecer as informações acima obtidas através do estudo da relação entre cooperação e motivação, visto as conclusões em ambos os estudos serem semelhantes.

#### *Estudo da relação entre a Cooperação e variáveis demográficas*

No que respeita às variáveis número de jogos em que os atletas participaram ao longo do ano e rendimento percebido por si percebido, constatou-se que, existe uma associação positiva entre ambas as variáveis e a dimensão incondicionada. Desta forma, podemos subentender que, o número de jogos em que os atletas participam ao longo do ano influencia o seu nível de cooperação incondicionada, isto é, enquanto mais jogos os atletas participarem, maior será o seu nível de cooperação incondicionada, talvez por sentirem que estão a ter um papel importante no rendimento da equipa. Talvez por se sentirem úteis, por sentirem que o seu esforço contribui para o sucesso da equipa, e também por se sentirem mais envolvidos na equipa. O mesmo acontece com a variável rendimento, à medida que esta variável aumenta, aumenta também o nível de cooperação incondicionada dos atletas, ou vice-versa, uma vez que neste estudo não foi possível realizar uma regressão linear, não é possível em alguns casos estabelecer relações de causa efeito.

Foram ainda observadas as relações entre a cooperação e o número de treinos que os atletas têm por semana, o número de horas, bem como o tempo que praticam a modalidade no tempo e no clube, no entanto, no entanto não foram observadas quaisquer tipos de relações estatisticamente significativas entre as variáveis.

No que respeita ao estudo da cooperação e do género, também não foi encontrada qualquer tipo de relação estatística significativa entre as variáveis. Este facto pode dever-se ao facto de a nossa amostra ter uma pequena percentagem de atletas do sexo feminino, desta forma para futuros estudos seria conveniente estudar mais profundamente esta relação.

Ao nível das habilitações literárias, constatou-se que os atletas que pertencem ao nível mais baixo das habilitações literárias possuem um maior nível de cooperação condicionada do que os restantes atletas com habilitações superiores. Tendo em conta que os escalões considerados neste estudo são apenas os escalões juniores e seniores, o baixo nível de

habilitações literárias deve-se a atletas que pararam de estudar. Desta forma, é possível que os resultados se devam a um carácter mais disposicional e pessoal dos atletas, sendo que a interacção-interdependência entre os objectivos pessoais/equipa possa, de alguma forma, ser influenciada pelas habilitações literárias que possuem. Contudo, é preciso não esquecer que estas conclusões devem ser interpretadas com alguma prudência, visto este ser o primeiro estudo a investigar tais relações, sendo assim necessárias investigações futuras que corroborem os resultados por nós obtidos.

No que respeita ao nível competitivo em que os atletas estão inseridos, este pode ser, distrital ou nacional, que não tem qualquer tipo de relação com o nível de cooperação dos atletas, isto é, atletas pertencentes ao nível nacional cooperam da mesma forma que atletas pertencentes ao nível distrital (sendo este nível de cooperação afectado por outras variáveis aqui mencionadas).

No que concerne à variável idade foi possível observar uma associação negativa entre esta variável e a cooperação condicionada. No entanto, existe uma associação positiva entre a variável idade e a cooperação com o treinador. Desta forma, parece possível afirmar que à medida que a idade aumenta diminui a cooperação condicionada, mas por outro lado aumenta a cooperação com o treinador, tal facto pode dever-se ao facto de que, com o aumento da idade os atletas ganham uma maior maturidade e parecem encarar o desporto não como um passatempo, mas sim como algo mais sério. A forma como encaram o desporto colectivo torna-se diferente e, talvez por isso o seu tipo de cooperação tenda também a mudar.

Os dados obtidos através do estudo da relação entre o escalão e a cooperação parecem ir ao encontro dos resultados obtidos no estudo da relação da cooperação com a idade. Uma vez que, foi possível observar que o escalão junior possui um maior nível de cooperação condicionada, que o escalão sénior. Porém, a situação inverte-se no que respeita ao nível da cooperação com o treinador, visto neste caso ser o escalão sénior quem possui o maior nível de cooperação. Assim, ambos os estudos parecem fortalecer a ideia de que existem diferenças ao nível da cooperação com a idade e com o escalão dos atletas. Tais diferenças podem advir, para além dos motivos já acima mencionados, da disponibilidade que é exigida aos atletas no escalão sénior. A noção de equipa dos atletas parece ser superior, os atletas

seniores parecem também percepcionar o seu sucesso como o sucesso da equipa. Por sua vez, no escalão júnior os atletas estão ainda em formação, dessa forma, e, também devido à idade mais jovem, parecem ter alguma rebeldia e imaturidade típica da idade, que os faz ter os seus objectivos como mais importantes que os da equipa, e, dessa forma ter um maior nível de cooperação condicionada. Não é demais lembrar que o presente estudo não nos permite tirar conclusões reais acerca das variáveis em causa, sendo para isso necessário a realização de mais estudos de forma a que os resultados possam ser generalizados.

#### *Limitações do estudo e sugestões para futuros estudos*

Antes de mais, é importante referir que, tendo em conta a escassez de literatura existente sobre o constructo cooperação, não foi possível criar hipóteses para este estudo. Por outro lado, na cooperação condicionada os valores de consistência interna são inferiores aos valores considerados bons para trabalhar, o que faz com que os nossos resultados devam ser interpretados com algumas reservas. Desta forma, seria interessantes, porceder-se a uma nova adaptação do questionário, com uma amostra superior, a fim de ser possível obter um alfa maior, para posteriormente se poder passar à generalização dos resultados. Uma segunda limitação do estudo consiste na dificuldade sentida em encontrar literatura que suporte o tema em questão, uma vez que, tendo em conta que este foi um estudo com um elevado grau de inovação, não foi encontrado nenhum estudo que suportasse os resultados encontrados.

Como sugestão para futuros estudos, será interessante aprofundar-se o estudo da relação entre as variáveis estudadas, a fim de verificar por exemplo se estas variáveis possuem diferenças entre diferentes desportos. Uma vez que, no presente estudo foram considerados vários desportos colectivos onde existe confronto directo de jogadores, não foi possível verificar se os níveis de cooperação variam com o tipo de desporto.

No que respeita às variáveis demográficas estudadas, parece-me importante averiguar as diferenças existentes entre sexo e cooperação, uma vez que na nossa amostra, apenas contávamos com uma percentagem mínima de atletas do sexo feminino, não podemos retirar muitas conclusões.

Tendo em conta que os atletas até ao escalão júnior são chamados como “escolas de formação” seria interessante a realização de um estudo com os escalões mais jovens a fim de verificar se os resultados obtidos pelo escalão júnior se generalizam para os restantes escalões das ditas “escolas de formação”.

Seria também relevante a realização de um estudo com duas amostras, com dois treinadores com orientações motivacionais diferentes a fim de se verificar se as orientações produzem diferenças ao nível da cooperação.

Neste estudo, não se cumpriram os pressupostos exigidos pela regressão linear, desta forma, apesar de se verificarem relações entre as variáveis, não foi possível identificar relações de causa-efeito. Assim, para futuros estudos, seria interessante utilizar uma amostra que cumprisse os pressupostos, a fim de se poder então identificar uma relação de causa efeito entre as variáveis.

Por fim, surge ainda como limitação do estudo a recolha de dados utilizada na amostra, uma vez que, devido à dimensão dos questionários, estes foram deixados com os atletas, e recolhidos dias mais tarde, de forma a que o preenchimento dos mesmos não atrapalhasse o funcionamento do treino. Esta situação pode de alguma forma ter enviesado os resultados, por alguns preenchimentos muito semelhantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: A social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Bandura, A. (1997). *Self efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Biddle, S. (1995). Exercise motivation across the life span. In S. Biddle, *European perspectives on exercise and psychology* (pp. 3-21). USA: Human Kinetics.
- Bryman, A. & Cramer, D. (2001). *Análise de Dados em Ciências Sociais: Introdução às Técnicas utilizando o SPSS para Windows*. Oeiras: Celta Editora.
- Castillo, I., Balaguer, I. & Duda, J. L. (2000). Las orientaciones de meta Y los motivos de práctica deportiva en los jóvenes deportistas valencianos escolarizados. *Revista de Psicología del Deporte*, 9, num. 1-2, 37-50.
- Cruz, J. F. (1996). Motivação Para a Competição e Prática Desportiva. In Cruz, J. F., *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 305-331). Lusografa – Braga.
- Deci, E. & Ryan, R. (2002). *Handbook of self-determination research*. The University of Rochester Press.
- Deutsch, M. (2000). *Cooperation and competition*. In M. Deutsch, & P. Coleman, (Eds.) *The Handbook of Conflict Resolution: Theory and Practice* (pp. 21-40). San Francisco: Jossey-Bass.
- Deutsch, M. (2001). Cooperation and conflict resolution: Implications for consulting psychology. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 53(2), 76-81.
- D'Oliveira, T. (2002) *Teses e dissertações, recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. Lisboa: RH editora.
- Duda, J.L., Fox, K.R., Biddle, S.J.H., & Armstrong, N. (1992) Children's achievement goals and beliefs about success in sport. *British Journal of Educational Psychology*, 62, 313-323.
- Duda, J. L. (1995). Motivación en los escenarios deportivos: Un planteamiento de perspectivas de meta. In Roberts, G. C., *Motivacion en el deporte y el ejercicio* (pp. 85-137). Bilbao: Desclée de Brouwer.

Duda, J. L. & Whitehead, J. (1998). Measurement of goal perspectives in the physical domain. In Duda, J. L., *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 21-48). USA: Fitness Information Technology.

Duda, J. L. & Hall, H. (2001). Achievement goal theory in sport: Recent extensions and future directions. In Singer, R., Hansen, H. & Janelle, C., *Handbook of sport psychology* (pp. 417-443). 2ª edição, USA: John Wiley & Sons, Inc.

Fonseca, A. M. & Brito, A. P. (2005). A questão da adaptação transcultural de instrumentos para avaliação psicológica em contextos desportivos nacionais – O caso do task and ego orientation in sport questionnaire (TEOSQ). *Psychologica*, 39, 95-118.

Fox, K., Goudas, M., Biddle, S. Duda, J. & Armstrong, N. (1994). Children's task and ego goal profiles in sport. *British Journal of Educational Psychology*, 64, 253-261.

García-Mas, A. & Bauzá, P. (1994). La psicología del equipo deportivo: Cooperación y rendimiento. *Revista de Psicología del Deporte*, 6, 79-87

García-Mas, A. (2001). Cooperación y competición en equipos deportivos. Un estudio preliminar. *Análise Psicológica*, 1 (XIX), 115-130.

García-Mas, A., Olmedilla, A., Morilla, M., Rivas, C., Quinteiro, E., & Toro, E. (2006). Un nuevo modelo de cooperación deportiva y su evaluación mediante un cuestionario. *Psicotema* 18, nº 3, 425-432.

García-Mas, A., Olmedilla, A., Ortega, E., Almeida, P., Lameiras, J., Sousa, C. & Cruz, J. (no prelo). Cooperación y cohesión en equipos de fútbol de competición.

Guivernau, M. & Duda, J. L. (1994). Psychometric properties of a Spanish version of the task and ego orientation in sport questionnaire (TEOSQ) and beliefs about the causes of success inventory. *Revista de Psicología del Deporte*, 5, 31-51.

Hackman, J. R. (1990). *Groups that work (and those that don't)*. São Francisco: Jossey-Bass.

Hill, M. M. & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo

Kavussanu, M. & Roberts, G. C. (1996). Motivation in physical activity contexts: The relationship of perceived motivational climate to intrinsic motivation and self-efficacy. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 18, 264-280.

Lopes, C. (2004). *Citações & Referências Bibliográficas*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo

Martins, S. (2007). *Cooperação e coesão no futebol de onze: estudo exploratório*. Monografia de Licenciatura em Psicologia Social e das Organizações no Instituto de Psicologia Aplicada.

Pestana, M. & Gageiro, J. (2005). *Análise de dados para ciências sociais a complementaridade do SPSS*. Lisboa Edições Sílabo

Roberts, G. C. (1995). Motivación en el deporte y el ejercicio: Limitaciones y convergencias conceptuales. In Roberts, G. C., *Motivación en el deporte y el ejercicio* (pp. 27-55). Bilbao: Desclée de Brouwer.

Vallerand, R. J. & Rousseau, F. L. (2001). Intrinsic and Extrinsic Motivation in Sport and Exercise: A review using hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. In Singer, R., Hansenblas, H. & Janelle, C., *Handbook of sport psychology* (pp. 389-416). 2ª edição, USA: John Wiley & Sons, Inc.

Walker, B. & Foster, S. (2005). Motivation. In Taylor, J. & Gregory, S., *Applying Sport Psychology* (pp. 3-19). USA: Human Kinetics .

Weinberg, R. & Gould, G. (2003). *Foundations of sport and exercise psychology*. 3ª edição, USA: Human Kinetics.

Weiss, M. R. & Chaumeton, N. (1992). Motivational Orientations in Sport. In Horn, T., *Advances in sport psychology*. USA: Human Kinetics.



## **ANEXOS**



## **ANEXO A- Instruções**



### **Instruções:**

O presente estudo está a ser realizado no âmbito de uma tese de mestrado no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, mais concretamente na área da Psicologia do desporto. Encontra-se ainda numa linha de investigação mais ampla conjuntamente com a Universidade das Ilhas Baleares – Espanha.

Interessa-nos desde já a sua opinião enquanto atleta, pois será através dela que conseguiremos levar o nosso estudo avante.

Não existem respostas certas nem erradas. Não há limites de tempo, mas tente não demorar muito em qualquer um dos itens. As suas respostas espontâneas e sinceras são importantes para que este estudo seja bem sucedido.

Por favor, não discuta as suas respostas com os outros participantes. Os resultados dos testes são anónimos e confidenciais. A informação deles recolhida será utilizada apenas para objectivos de carácter científico.



## **ANEXO B – Dados Biográficos**



**Dados Biográficos**

**Género:** Feminino  Masculino

**Idade:** \_\_\_\_\_ **Anos**

**Habilitações literárias:**

Ensino primário

5º - 6º Ano

7º - 9º Ano

10º - 12ª Ano

Ensino universitário

**Modalidade** \_\_\_\_\_

**Escalão** \_\_\_\_\_

**Clube** \_\_\_\_\_

**Concelho onde está localizado o clube:** \_\_\_\_\_

**Nível competitivo actual:**

Mundial

Europeu

Nacional

Distrital

**Posição em que joga** \_\_\_\_\_

**Número de treinos por semana** \_\_\_\_\_

**Número de horas de treino por semana** \_\_\_\_\_

**Há quanto tempo pratica esta modalidade:** \_\_\_\_\_ **Anos**

**Há quanto tempo pratica esta modalidade neste clube:** \_\_\_\_\_ **Anos**

**Número de jogos que participou esta época:** \_\_\_\_\_

**O meu rendimento esta época tem sido:**

a) Irregular  Regular   
Fraco 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Excelente

## **ANEXO C – Questionário de Cooperação Desportiva (QCD)**



## Questionário de Cooperação Desportiva (QCD)

**Instruções:** Assinale, com sinceridade, uma “X” no seu grau de concordância com as frases seguintes. Não há respostas certas nem erradas. Interessa-nos apenas a sua opinião.

**Muito    Bastante    Algo    Pouco    Nada**

1	Se todos nos esforçarmos e nos ajudarmos uns aos outros, a equipa irá melhorar e alcançar os seus objectivos					
2	Eu colaboro com os meus companheiros e com o meu treinador, sejam quais forem as circunstâncias do jogo					
3	É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional.					
4	Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele me reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial.					
5	Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente					
6	Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.					
7	Trabalho conjuntamente com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.					
8	Quando com o meu jogo ou com o meu esforço ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma.					
9	Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a sacrificar as minhas ideias acerca do jogo.					
10	Para concretizar os objectivos da equipa, temos de nos ajudar uns aos outros fora do campo, em questões pessoais, ou no balneário.					
11	Esforço-me muito durante os treinos, ainda que isso signifique competir com algum companheiro.					
12	A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que eles me dão a mim.					
13	Eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades do que eu.					
14	Eu coopero durante o jogo, mesmo que não se note, por exemplo, movimentando-me sem bola ou dobrando um companheiro.					
15	Se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor.					



## **ANEXO D – Questionário de Motivação (TEOSQ)**



## Questionário de Motivação

### TEOSQ

As seguintes questões destinam-se a avaliar o seu grau de motivação na prática desportiva. Assinale com uma cruz os números de 1 a 5, o que melhor indicar o seu grau de concordância com cada uma das afirmações.

1      2      3      4      5

**Discordo Totalmente**

**Concordo Totalmente**

**LEMBRE-SE** de que não há respostas certas ou erradas. Procure ser o mais sincero(a) e aberto(a) possível de modo a permitir uma melhor compreensão da forma como se sente. Tenha o cuidado em responder a todas as questões.

### Quando me sinto com mais sucesso no desporto é quando...

- |  |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. Sou o unico a executar as técnicas.                           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Consigo fazer melhor do que os meus colegas.                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Os outros não conseguem fazer tão bem como eu.                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Aprendo algo que me dá prazer fazer.                          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Os outros cometem erros e eu não.                             | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante.              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Trabalho realmente bastante.                                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 9. Ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. Algo que aprendo me faz querer continuar a praticar mais.    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Sou o melhor.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Sinto que uma técnica que aprendo está bem.                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

**13. Faça o meu melhor.**

**1 2 3 4 5**



## **ANEXO E – Descrição Amostra**



## Outputs- Descrição Amostra

### Statistics

		GEN	HAB	MOD	ESC	NIVEL	REND1
N	Valid	260	259	260	260	259	225
	Missing	0	1	0	0	1	35
Mode		1	4			3	2

### GEN

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	232	89,2	89,2	89,2
	Feminino	28	10,8	10,8	100,0
Total		260	100,0	100,0	

### HAB

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sétimo ou nono	52	20,0	20,1	20,1
	décimo ou décimo segundo	138	53,1	53,3	73,4
	universidade	69	26,5	26,6	100,0
	Total	259	99,6	100,0	
Missing	0	1	,4		
Total		260	100,0		

## MOD

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid andebol	25	9,6	9,6	9,6
basquete	30	11,5	11,5	21,2
futebol	146	56,2	56,2	77,3
futsal	19	7,3	7,3	84,6
hoquei	8	3,1	3,1	87,7
rugby	32	12,3	12,3	100,0
Total	260	100,0	100,0	

## ESC

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid junior	85	32,7	32,7	32,7
senior	175	67,3	67,3	100,0
Total	260	100,0	100,0	

## NIVEL

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	nacional	140	53,8	54,1	54,1
	distrital	119	45,8	45,9	100,0
	Total	259	99,6	100,0	
Missing	0	1	,4		
Total		260	100,0		

## REND1

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	irregular	49	18,8	21,8	21,8
	regular	176	67,7	78,2	100,0
	Total	225	86,5	100,0	
Missing	0	35	13,5		
Total		260	100,0		



***ANEXO F - Analise à Normalidade***



## Outputs – Análise à Normalidade

### Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	259	10,5855	2,47569	3,00	15,00
Incondicionada	259	39,6443	3,85126	22,00	45,00
Treinador	259	12,6519	1,85870	5,00	15,00
Mot_ego	259	2,7228	,98096	1,00	5,00
Mot_tarefa	259	4,1774	,56418	1,00	5,00

### One-Sample Kolmogorov-Smirnov Test

		Condicionada	Incondicionada	Treinador	Mot_ego	Mot_tarefa
N		259	259	259	259	259
Normal Parameters <sup>a</sup>	Mean	10,5855	39,6443	12,6519	2,7228	4,1774
	Std. Deviation	2,47569	3,85126	1,85870	,98096	,56418
Most Extreme Differences	Absolute	,115	,140	,173	,073	,097
	Positive	,094	,082	,103	,073	,072
	Negative	-,115	-,140	-,173	-,060	-,097
Kolmogorov-Smirnov Z		1,847	2,245	2,780	1,168	1,555
Asymp. Sig. (2-tailed)		,002	,000	,000	,131	,016

a. Test distribution is Normal.



## **ANEXO G – Estadística Descriptiva**



## Outputs – Estatística Descritiva

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
IDD	260	16	37	22,15	4,885
NUMTREI	259	1	8	3,59	,990
NUMHORAS	255	1,50	14,00	5,6275	2,24916
MODTEMP	259	1	30	10,81	5,347
MODCLUB	258	1	25	4,62	4,054
NUMJOGOS	209	1	43	16,18	8,412
REND2	215	1	9	5,80	1,600
Valid N (listwise)	179				

Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	260	10,5833	2,47117	3,00	15,00
Incondicionada	260	39,6534	3,84660	22,00	45,00
Treinador	260	12,6532	1,85523	5,00	15,00

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Mot_ego	259	1,00	5,00	2,7228	,98096
Mot_tarefa	260	1,00	5,00	4,1774	,56309

## Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Mot_ego	259	1,00	5,00	2,7228	,98096
Mot_tarefa	260	1,00	5,00	4,1774	,56309
Valid N (listwise)	259				



## **ANEXO H– Correlações TEOSQ e QCD**



### Outputs – Correlações TEOSQ e QCD

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	Mot_ego	Mot_tarefa
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,181**	-,011	,209**	,143*
		Sig. (2-tailed)	.	,003	,865	,001	,022
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,181**	1,000	,601**	-,142*	,358**
		Sig. (2-tailed)	,003	.	,000	,023	,000
	Treinador	Correlation Coefficient	-,011	,601**	1,000	-,224**	,147*
		Sig. (2-tailed)	,865	,000	.	,000	,018
	Mot_ego	Correlation Coefficient	,209**	-,142*	-,224**	1,000	,038
		Sig. (2-tailed)	,001	,023	,000	.	,543
	Mot_tarefa	Correlation Coefficient	,143*	,358**	,147*	,038	1,000
		Sig. (2-tailed)	,022	,000	,018	,543	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

a. Listwise N = 259



## **ANEXO I – Correlações variáveis demográficas e QCD**



## Outputs – Correlações variáveis demográficas e QCD

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	IDD
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,181**	-,011	-,255**
		Sig. (2-tailed)	.	,003	,865	,000
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,181**	1,000	,601**	,014
		Sig. (2-tailed)	,003	.	,000	,821
	Treinador	Correlation Coefficient	-,011	,601**	1,000	,167**
		Sig. (2-tailed)	,865	,000	.	,007
	IDD	Correlation Coefficient	-,255**	,014	,167**	1,000
		Sig. (2-tailed)	,000	,821	,007	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Listwise N = 259

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	NUMTREI
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,180**	-,006	,029
		Sig. (2-tailed)	.	,004	,924	,638
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,180**	1,000	,604**	,110
		Sig. (2-tailed)	,004	.	,000	,079
	Treinador	Correlation Coefficient	-,006	,604**	1,000	,032
		Sig. (2-tailed)	,924	,000	.	,604
	NUMTREI	Correlation Coefficient	,029	,110	,032	1,000
		Sig. (2-tailed)	,638	,079	,604	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Listwise N = 258

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	NUMHORAS
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,193**	,005	-,013
		Sig. (2-tailed)	.	,002	,934	,831
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,193**	1,000	,602**	,013
		Sig. (2-tailed)	,002	.	,000	,842
	Treinador	Correlation Coefficient	,005	,602**	1,000	,032
		Sig. (2-tailed)	,934	,000	.	,611
	NUMHORAS	Correlation Coefficient	-,013	,013	,032	1,000
		Sig. (2-tailed)	,831	,842	,611	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Listwise N = 254

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	MODTEMP
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,184**	-,006	-,073
		Sig. (2-tailed)	.	,003	,924	,246
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,184**	1,000	,600**	,081
		Sig. (2-tailed)	,003	.	,000	,192
	Treinador	Correlation Coefficient	-,006	,600**	1,000	,114
		Sig. (2-tailed)	,924	,000	.	,069
	MODTEMP	Correlation Coefficient	-,073	,081	,114	1,000
		Sig. (2-tailed)	,246	,192	,069	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Listwise N = 258

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	MODCLUB
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,190**	-,010	,054
		Sig. (2-tailed)	.	,002	,878	,389
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,190**	1,000	,603**	,008
		Sig. (2-tailed)	,002	.	,000	,903
	Treinador	Correlation Coefficient	-,010	,603**	1,000	-,001
		Sig. (2-tailed)	,878	,000	.	,982
	MODCLUB	Correlation Coefficient	,054	,008	-,001	1,000
		Sig. (2-tailed)	,389	,903	,982	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Listwise N = 257

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	NUMJOGOS
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,206**	-,025	,091
		Sig. (2-tailed)	.	,003	,723	,192
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,206**	1,000	,582**	,171*
		Sig. (2-tailed)	,003	.	,000	,013
	Treinador	Correlation Coefficient	-,025	,582**	1,000	,120
		Sig. (2-tailed)	,723	,000	.	,085
	NUMJOGOS	Correlation Coefficient	,091	,171*	,120	1,000
		Sig. (2-tailed)	,192	,013	,085	.

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

a. Listwise N = 208

Correlations<sup>a</sup>

			Condicionada	Incondicionada	Treinador	REND2
Spearman's rho	Condicionada	Correlation Coefficient	1,000	,176*	-,038	,054
		Sig. (2-tailed)	.	,010	,577	,428
	Incondicionada	Correlation Coefficient	,176*	1,000	,616**	,141*
		Sig. (2-tailed)	,010	.	,000	,039
	Treinador	Correlation Coefficient	-,038	,616**	1,000	,015
		Sig. (2-tailed)	,577	,000	.	,822
	REND2	Correlation Coefficient	,054	,141*	,015	1,000
		Sig. (2-tailed)	,428	,039	,822	.

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\* Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

a. Listwise N = 214





## **ANEXO J – Diferenças Entre Grupos**



## Outputs – Diferenças entre grupos

Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	259	10,5855	2,47569	3,00	15,00
Incondicionada	259	39,6443	3,85126	22,00	45,00
Treinador	259	12,6519	1,85870	5,00	15,00
Grp_ego	259	1,56,497		1	2

Ranks

Grp_ego		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	grp_alto_ego	114	140,00	15960,00
	grp_baixo_ego	145	122,14	17710,00
	Total	259		
Incondicionada	grp_alto_ego	114	116,03	13227,00
	grp_baixo_ego	145	140,99	20443,00
	Total	259		
Treinador	grp_alto_ego	114	115,14	13126,50
	grp_baixo_ego	145	141,68	20543,50
	Total	259		

Test Statistics<sup>a</sup>

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	7125,000	6672,000	6571,500
Wilcoxon W	17710,000	13227,000	13126,500
Z	-1,920	-2,673	-2,873
Asymp. Sig. (2-tailed)	,055	,008	,004

a. Grouping Variable: Grp\_ego

## Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	260	10,5833	2,47117	3,00	15,00
Incondicionada	260	39,6534	3,84660	22,00	45,00
Treinador	260	12,6532	1,85523	5,00	15,00
Grp_tarefa	260	1,32467		1	2

## Ranks

Grp_tarefa		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	grp_alta_tarefa	177	138,90	24586,00
	grp_baixa_tarefa	83	112,58	9344,00
	Total	260		
Incondicionada	grp_alta_tarefa	177	145,75	25798,50
	grp_baixa_tarefa	83	97,97	8131,50
	Total	260		
Treinador	grp_alta_tarefa	177	137,12	24270,50
	grp_baixa_tarefa	83	116,38	9659,50
	Total	260		

## Test Statistics

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	5858,000	4645,500	6173,500
Wilcoxon W	9344,000	8131,500	9659,500
Z	-2,652	-4,796	-2,105
Asymp. Sig. (2-tailed)	,008	,000	,035

a. Grouping Variable: Grp\_tarefa



## **ANEXO K – Diferenças Entre Grupos Variáveis Demográficas**



## Outputs – Diferenças entre grupos variáveis demográficas

Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	259	10,5855	2,47569	3,00	15,00
Incondicionada	259	39,6443	3,85126	22,00	45,00
Treinador	259	12,6519	1,85870	5,00	15,00
GEN	259	1,11,311		1	2

Ranks

GEN		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	Masculino	231	132,84	30686,50
	Feminino	28	106,55	2983,50
	Total	259		
Incondicionada	Masculino	231	129,48	29909,50
	Feminino	28	134,30	3760,50
	Total	259		
Treinador	Masculino	231	128,59	29705,00
	Feminino	28	141,61	3965,00
	Total	259		

## Test Statisticsa

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	2577,500	3113,500	2909,000
Wilcoxon W	2983,500	29909,500	29705,000
Z	-1,767	-,323	-,881
Asymp. Sig. (2-tailed)	,077	,747	,378

a. Grouping Variable: GEN

## Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	258	10,5839	2,48036	3,00	15,00
Incondicionada	258	39,6585	3,85202	22,00	45,00
Treinador	258	12,6505	1,86218	5,00	15,00
NIVEL	258	3,46,499		3	4

## Ranks

NIVEL		N	Mean Rank
Condicionada	nacional	139	126,67
	distrital	119	132,81
	Total	258	
Incondicionada	nacional	139	124,23
	distrital	119	135,66
	Total	258	
Treinador	nacional	139	129,54
	distrital	119	129,45
	Total	258	

Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Chi-Square	,442	1,517	,000
df	1	1	1
Asymp. Sig.	,506	,218	,993

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: NIVEL

## Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	258	10,5955	2,47523	3,00	15,00
Incondicionada	258	39,6585	3,85202	22,00	45,00
Treinador	258	12,6621	1,85492	5,00	15,00
HAB	258	4,06,680		3	5

## Ranks

HAB		N	Mean Rank
Condicionada	sétimo ou nono	52	156,85
	décimo ou décimo segundo	138	125,03
	universidade	68	117,65
	Total	258	
Incondicionada	sétimo ou nono	52	132,99
	décimo ou décimo segundo	138	127,31
	universidade	68	131,27
	Total	258	
Treinador	sétimo ou nono	52	130,11
	décimo ou décimo segundo	138	122,98
	universidade	68	142,27
	Total	258	

Test Statistics<sup>a,b</sup>

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Chi-Square	9,335	,273	3,144
df	2	2	2
Asymp. Sig.	,009	,872	,208

a. Kruskal Wallis Test

b. Grouping Variable: HAB

## Descriptive Statistics

	N	Mean	Std. Deviation	Minimum	Maximum
Condicionada	260	10,5833	2,47117	3,00	15,00
Incondicionada	260	39,6534	3,84660	22,00	45,00
Treinador	260	12,6532	1,85523	5,00	15,00
ESC	260	1,67	,470	1	2

## Ranks

ESC		N	Mean Rank	Sum of Ranks
Condicionada	junior	85	148,70	12639,50
	senior	175	121,66	21290,50
	Total	260		
Incondicionada	junior	85	135,32	11502,50
	senior	175	128,16	22427,50
	Total	260		
Treinador	junior	85	115,59	9825,00
	senior	175	137,74	24105,00
	Total	260		

## Test Statistics

	Condicionada	Incondicionada	Treinador
Mann-Whitney U	5890,500	7027,500	6170,000
Wilcoxon W	21290,500	22427,500	9825,000
Z	-2,741	-,724	-2,263
Asymp. Sig. (2-tailed)	,006	,469	,024

a. Grouping Variable: ESC



## **ANEXO L – Fidelidade QCD**



## Outputs – Fidelidade QCD

### Cooperação Incondicionada

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,759	9

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QCD1	34,89	12,923	,468	,738
QCD2	35,28	11,834	,525	,724
SMEAN(QCD3)	35,49	11,828	,372	,750
SMEAN(QCD6)	35,45	11,638	,392	,747
QCD10	35,36	12,054	,371	,749
QCD11	35,41	11,784	,424	,740
QCD13	35,10	12,100	,548	,723
QCD14	35,33	11,790	,459	,733
QCD15	34,90	12,436	,540	,728

## Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
39,65	14,796	3,847	9

*Cooperação Condicionada*

## Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

## Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,518	3

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

## Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SMEAN(QCD4)	6,52	4,056	,237	,555
SMEAN(QCD8)	7,31	2,972	,439	,231
SMEAN(QCD12)	7,34	3,075	,334	,418

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
10,58	6,107	2,471	3

*Cooperação com o Treinador*

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,612	3

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SMEAN(QCD5)	8,28	1,678	,562	,308
SMEAN(QCD7)	8,38	1,673	,477	,426
QCD9	8,64	2,128	,252	,742

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
12,65	3,442	1,855	3



## **ANEXO M – Fidelidade TEOSQ**



## Outputs – Fidelidade TEOSQ

### Motivação\_Ego

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	259	99,6
	Excluded <sup>a</sup>	1,4	
	Total	260	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,855	,855	6

Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
SMEAN(TEOSQ1)	2,38	1,189	259
TEOSQ3	3,08	1,191	259
SMEAN(TEOSQ4)	2,69	1,272	259
TEOSQ6	2,29	1,297	259
SMEAN(TEOSQ9)	3,17	1,300	259
TEOSQ11	2,72	1,463	259

Inter-Item Correlation Matrix

	SMEAN(TEOSQ 1)	TEOSQ3	SMEAN(TEOSQ 4)	TEOSQ6	SMEAN(TEOSQ 9)	TEOSQ11
SMEAN(TEOSQ1)	1,000	,482	,511	,446	,319	,469
TEOSQ3	,482	1,000	,638	,513	,360	,492
SMEAN(TEOSQ4)	,511	,638	1,000	,594	,421	,519
TEOSQ6	,446	,513	,594	1,000	,464	,573
SMEAN(TEOSQ9)	,319	,360	,421	,464	1,000	,633
TEOSQ11	,469	,492	,519	,573	,633	1,000

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SMEAN(TEOSQ1)	13,95	26,322	,566	,346	,844
TEOSQ3	13,25	25,509	,641	,469	,831
SMEAN(TEOSQ4)	13,65	24,264	,699	,538	,820
TEOSQ6	14,04	24,301	,677	,471	,824
SMEAN(TEOSQ9)	13,17	25,490	,569	,420	,844
TEOSQ11	13,62	22,644	,708	,548	,818

## Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
16,34	34,642	5,886	6

*Motivação\_Tarefa*

## Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	260	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0,0	
	Total	260	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

## Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,821	,824	7

## Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
SMEAN(TEOSQ2)	3,88	,912	260
SMEAN(TEOSQ5)	4,35	,761	260
SMEAN(TEOSQ7)	4,13	,809	260
SMEAN(TEOSQ8)	4,17	,830	260
SMEAN(TEOSQ10)	4,19	,787	260
SMEAN(TEOSQ12)	3,84	,896	260

## Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
SMEAN(TEOSQ2)	3,88	,912	260
SMEAN(TEOSQ5)	4,35	,761	260
SMEAN(TEOSQ7)	4,13	,809	260
SMEAN(TEOSQ8)	4,17	,830	260
SMEAN(TEOSQ10)	4,19	,787	260
SMEAN(TEOSQ12)	3,84	,896	260
SMEAN(TEOSQ13)	4,67	,653	260

## Inter-Item Correlation Matrix

	SMEAN(TEOSQ2)	SMEAN(TEOSQ5)	SMEAN(TEOSQ7)	SMEAN(TEOSQ8)	SMEAN(TEOSQ10)	SMEAN(TEOSQ12)	SMEAN(TEOSQ13)
SMEAN(TEOSQ2)	1,000	,471	,419	,221	,382	,375	,317
SMEAN(TEOSQ5)	,471	1,000	,484	,335	,527	,343	,397
SMEAN(TEOSQ7)	,419	,484	1,000	,455	,591	,402	,366
SMEAN(TEOSQ8)	,221	,335	,455	1,000	,464	,415	,401
SMEAN(TEOSQ10)	,382	,527	,591	,464	1,000	,465	,333
SMEAN(TEOSQ12)	,375	,343	,402	,415	,465	1,000	,246
SMEAN(TEOSQ13)	,317	,397	,366	,401	,333	,246	1,000

Inter-Item Correlation Matrix

	SMEAN(TEOSQ2)	SMEAN(TEOSQ5)	SMEAN(TEOSQ7)	SMEAN(TEOSQ8)	SMEAN(TEOSQ10)	SMEAN(TEOSQ12)	SMEAN(TEOSQ13)
SMEAN(TEOSQ2)	1,000	,471	,419	,221	,382	,375	,317
SMEAN(TEOSQ5)	,471	1,000	,484	,335	,527	,343	,397
SMEAN(TEOSQ7)	,419	,484	1,000	,455	,591	,402	,366
SMEAN(TEOSQ8)	,221	,335	,455	1,000	,464	,415	,401
SMEAN(TEOSQ10)	,382	,527	,591	,464	1,000	,465	,333
SMEAN(TEOSQ12)	,375	,343	,402	,415	,465	1,000	,246
SMEAN(TEOSQ13)	,317	,397	,366	,401	,333	,246	1,000

## Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Squared Multiple Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
SMEAN(TEOSQ2)	25,36	11,560	,507	,314	,809
SMEAN(TEOSQ5)	24,90	11,790	,605	,407	,791
SMEAN(TEOSQ7)	25,11	11,335	,651	,451	,782
SMEAN(TEOSQ8)	25,07	11,821	,530	,350	,803
SMEAN(TEOSQ10)	25,05	11,382	,666	,483	,780
SMEAN(TEOSQ12)	25,40	11,511	,530	,311	,804
SMEAN(TEOSQ13)	24,57	12,884	,475	,261	,811

## Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
29,24	15,536	3,942	7